

**MARCIANA VIEIRA DE SOUZA XAVIER**

**EXPLORANDO PRÁTICAS E CONHECIMENTOS  
PSICOLÓGICOS NOS ARQUIVOS DE NEURO-  
PSIQUIATRIA (1943-1962)**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

**CAMPO GRANDE-MS**

**Fevereiro 2019**

**MARCIANA VIEIRA DE SOUZA XAVIER**

**EXPLORANDO PRÁTICAS E CONHECIMENTOS  
PSICOLÓGICOS NOS ARQUIVOS DE NEURO-  
PSIQUIATRIA (1943-1962)**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde, sob a orientação do Professor Dr. Rodrigo Lopes Miranda.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA  
CAMPO GRANDE-MS  
Fevereiro 2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

X3e Xavier, Marciana Vieira de Souza

Explorando práticas e conhecimentos psicológicos nos arquivos de neuro-psiquiatria (1943-1962) / Marciana Vieira de Souza Xavier; orientador Rodrigo Lopes Miranda.-- 2019.

83 f.: il.; 30 cm

Dissertação (mestrado em psicologia) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2019

Inclui bibliografia

1. Psicologia - História. 2. Medicina - História. 3. Psiquiatria - História.  
I.Miranda, Rodrigo Lopes. II. Título.

CDD: 150.9

A dissertação apresentada por MARCIANA VIEIRA DE SOUZA XAVIER , intitulada “EXPLORANDO PRÁTICAS E CONHECIMENTOS PSICOLÓGICOS NOS ARQUIVOS DE NEURO-PSIQUIATRIA (1943-1962)”, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi.....APROVADA.....

### BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Lopes Miranda - UCDB (orientador)

Prof. Dr. Fernando Polanco - Universidad Nacional de San Luis - Argentina

Prof. Dr. André Barciela Veras - UCDB

Campo Grande-MS, 26 de fevereiro de 2019.

**Dedico este trabalho a,**

*Deus por sua presença infinita;*

*Aos meus pais que por suas ações me ensinaram a nunca desistir;*

*Ao meu esposo, amigo e parceiro.... Dinho;*

*Aos meus filhos... meus pequenininhos!!!*

## AGRADECIMENTOS

Engraçado.... acho que nunca demorei tanto tempo para escrever algo para a dissertação quanto estou demorando agora para escrever os agradecimentos. A dificuldade advém do quanto não será suficiente a gratidão que sinto por vocês em terem feito parte desse processo.... mas vamos lá!!!

Deus te agradeço por ter virado noites comigo e ouvido minhas orações;

Meu pai e minha mãe obrigada pela frase de efeito “estudem porque é importante para vocês” e sim, é verdade, mas este estudo eu dedico a vocês;

Amor, agora é sem D.R.! Obrigada por ter sido paciente e compreensivo comigo nos momentos de “surto”. Você sempre será meu chaveirinho!

Meus filhos vocês foram importantíssimos durante a construção desse projeto. Em momento algum me senti cobrada por vocês pelos momentos de ausência, ao contrario, senti muita força e apoio. *Amo vocês!!!*

Professor Rodrigo obrigada por ter me orientado e acreditado em mim! Suas orientações, conhecimentos e a disposição em ajudar foram valiosas.

Um obrigada especial a banca pelas observações e sugestões que serviram para enriquecer este trabalho.

Lú! É unanime! Todos te admiram por sua competência e cordialidade. Obrigada por ter atendido as minhas demandas do mestrado e, mais que isso, por ser gentil.

Agradeço aos amigos do mestrado, do churrasquinho da quinta-feira e aos de longa data pelo apoio durante esse período.

Agradeço, também, a UCDB e aos seus professores pelos ensinamentos.

Me despeço com um muito obrigada e quem sabe um até logo!

*“Fé, coragem e confiança”*

## RESUMO

A profissão e formação de psicólogo, no Brasil, foi regulamentada por meio da Lei No. 4.119, de 1962, atribuindo, entre as funções desempenhadas pelo psicólogo, o desenvolvimento de métodos e técnicas psicológicas para o diagnóstico e a solução de problemas de ajustamento, sendo este último termo usado em substituição ao de “psicoterapia”. Essa mudança na nomenclatura foi resultado dos embates ocorridos entre os que exerciam a Psicologia e os outros profissionais como, e.g., médicos, durante o processo de regulamentação da referida lei. Um desses embates se referia a como o psicólogo poderia exercer suas funções de forma independente, na área clínica, uma vez que os médicos consideravam ser essa área de competência do campo médico, cabendo ao psicólogo o papel de assistente técnico. Diante do cenário citado, o objetivo desta pesquisa é descrever e analisar práticas e conhecimentos psicológicos nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria. A hipótese de que entender como tais práticas e conhecimentos circularam na Psiquiatria brasileira, à época, pode auxiliar em uma compreensão mais sofisticada dos embates científico-profissionais, quando da regulamentação da Lei No. 4.119. O recorte temporal - 1949 a 1962 - abrange o período do ano da primeira publicação do primeiro número do periódico e as primeiras discussões em torno da regulamentação da profissão de psicólogo, até a sua efetivação, em 1962. Esta dissertação é estruturada por dois estudos independentes, mas complementares. Metodologicamente, a investigação se insere no campo da História da Psicologia, apropriando-se de recursos teórico-metodológicos da História Quantitativa, da História Digital e da Bibliometria. Os resultados sugerem o uso de métodos, técnicas e teorias psicológicas pela psiquiatria brasileira, mais especificamente de elementos vinculados a propostas psicodinâmicas. Esses resultados coadunam com discussões recentes na história da Psicologia Clínica, no Brasil e alhures, convidando a novas investigações.

**Palavras-chave:** história da Psicologia; história da Psiquiatria; história da Medicina.

## ABSTRACT

In Brazil, the training and practice of the psychologist's profession was regulated by Law No. 4,199 of 1962, as well as identifying the psychologist's functions as the development of diagnosis techniques and procedures and "solution of adjustment disorder", this term used instead psicotherapy. This change of terms emerged from discussions between psychologista and others health workers. One of those discussions was how the psychologist could perform his functions independently in the clinical area, since medicine doctors understood that function as competence of medical field and the psychologist would fit the role of technical assistant. Thus, the purpose of this dissertation is to describe and analyze procedures and Psychology knowlwdge in publications of the *Arquivos de Neuro-psiquiatria*. The research hypothesis is that understanding how such practices and knowledge circulated in Brazilian Psychiatry can help in a more sophisticated understanding of the scientific-professional discussions when the regulation of Law No. 4,119. The temporal cut comprises the period around the first edition of *Arquivos de Neuro-psiquiatria* and the regulation of the psychologist's profession, in Brazil, from 1949 to 1962. The research is composed of two studies, independent, but connected by the problem. Methodologically, this research is in the field of History of Psychology and use resources of Quantitative History, Digital History and Bibliometrics. The research pointed the use of psychological methods, techniques and theories by the Brazilian psychiatry, specifically, elements related to psychodynamic theories. These results are aligned with recent discussions in the Brazilian clinical psychology history field and elsewhere, they invite further research.

**Key-word:** Psychology history; Medicine history; Psychiatry history

## LISTA DE FIGURAS

### **Introdução**

Figura 1 – Fluxograma de seleção dos Artigos por critérios de inclusão, 1943-1949... **18**

Figura 2 - Fluxograma de seleção dos Artigos por critérios de inclusão, 1943-1962.... **19**

### **Capítulo 3**

Figura 1 - Fluxograma de seleção Artigos por critérios de inclusão, 1943-1962..... **41**

Figura 2- Títulos selecionados e analisados dos Arquivos de Neuro-psiquiatria (1943-1962)..... **41-42-43**

Figura 3 - Nuvem de palavras elaborada a partir do conteúdo de 46 textos selecionados nos Arquivos de Neuro-psiquiatria e publicados no período de 1946 a 1962, com emprego do software Iramuteq..... **50**

Figura 4 - Grafo de palavras elaborado a partir do conteúdo de 46 textos selecionados nos Arquivos de Neuro-psiquiatria e pulicados no período de 1946 a 1962, com emprego do software Iramuteq..... **51**

Figura 5 - Núcleo central do grafo de palavras elaborado a partir do conteúdo de 46 textos selecionados nos Arquivos de Neuro-psiquiatria e pulicados no período de 1946 a 1962, com emprego do software Iramuteq..... **52**

Figura 6 - Núcleo periférico 1 do grafo de palavras elaborado a partir do conteúdo de 46 textos selecionados nos Arquivos de Neuro-psiquiatria e pulicados no período de 1946 a 1962, com emprego do software Iramuteq..... **54**

Figura 7 - Núcleo periférico 2 do grafo de palavras elaborado a partir do conteúdo de 46 textos selecionados nos Arquivos de Neuro-psiquiatria e pulicados no período de 1946 a 1962, com emprego do software Iramuteq..... **56**

Figura 8 - Grafo de redes autor-autor de referência bibliográfica, elaborado a partir do conteúdo de 46 textos selecionados nos Arquivos de Neuro-psiquiatria e pulicados no período de 1943 a 1962, com emprego do software Gephi..... **61**

Figura 9 - Conexão autor-autor de referência bibliográfica de comunidade elaborado a partir do conteúdo de 46 textos selecionados nos Arquivos de Neuro-psiquiatria e pulicados no período de 1943 a 1962 com emprego do software Gephi..... **63**

## **LISTA DE TABELAS**

### **Capítulo 2**

Tabela 1 - Artigos Selecionados e Analisados Advindos dos Arquivos de Neuro-Psiquiatria (1943-1949)..... **25**

Tabela 2 - Vinculação Institucional dos Autores dos Artigos Selecionados nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria (1943-1949)..... **27**

Tabela 3 - Distribuição de Idiomas das Referências Bibliográficas das Fontes Analisadas nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria (1943-1949)..... **31**

### **Capítulo 3**

Tabela 1 - Autores que mais publicaram nos Arquivos de Neuro-psiquiatria de 1943-1962 por ordem decrescente de frequência..... **44-45**

Tabela 2 - Autores dos artigos selecionados nos Arquivos de Neuro-psiquiatria (1943-1962) por vinculação institucional e distribuição geográfica..... **45-46**

Tabela 3 - Autores mais referenciados pelos autores dos artigos selecionados nos Arquivos de Neuro-psiquiatria (1943-1962)..... **58-59-60**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2. EXPLORANDO CONHECIMENTOS E PRÁTICAS PSICOLÓGICAS NOS ARQUIVOS BRASILEIROS DE NEURO-PSIQUIATRIA (BRASIL, 1943-1949)...</b>	<b>19</b>
<b>2.1 Contexto Social, Psicologia e Medicina no Brasil (1930-1940) .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2 Neurologia e Psiquiatria Brasileira: Os Arquivos de Neuro-Psiquiatria .....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 Acessando os Arquivos de Neuro-Psiquiatria (1943-1949).....</b>	<b>23</b>
<b>2.4 Identificando estilos e coletivos de pensamento .....</b>	<b>24</b>
<b>2.4.2 Sobre o que eles falavam? .....</b>	<b>27</b>
<b>2.4.3 O que eles liam? .....</b>	<b>29</b>
<b>2.5 Considerações Finais.....</b>	<b>31</b>
<b>2.6 Referências .....</b>	<b>33</b>
<b>3. DESCORTINANDO PRÁTICAS E CONHECIMENTOS PSICOLÓGICOS NOS ARQUIVOS DE NEURO-PSIQUIATRIA (1943-1962).....</b>	<b>37</b>
<b>3.1 Método.....</b>	<b>39</b>
<b>3.1.1 Definição do Periódico .....</b>	<b>39</b>
<b>3.1.2 Definição do Corpus Documental .....</b>	<b>40</b>
<b>3.1.3 Definição de Mecanismos e Instrumentos de Análise .....</b>	<b>42</b>
<b>3.2 Resultados e Discussão.....</b>	<b>42</b>
<b>3.2.1 Quem publicava no periódico? .....</b>	<b>42</b>
<b>3.2.2 Sobre o que eles falavam? .....</b>	<b>48</b>
<b>3.2.3 O que eles liam? .....</b>	<b>56</b>

<b>3.3 Considerações finais.....</b>	<b>63</b>
<b>3.4 Referências .....</b>	<b>65</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>
<b>5. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>74</b>
<b>5.1 Referências .....</b>	<b>75</b>
<b>5.2 Fontes.....</b>	<b>82</b>

## **1. INTRODUÇÃO**

---

O meu interesse em entender as relações entre a Psicologia e a Psiquiatria teve início em 1998, quando ingressei na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como aluna de graduação em Psicologia (1998–2000). Na UFRJ, uma das primeiras universidades do Brasil, especificamente dentro do campus universitário, tínhamos acesso a outras instituições, como: o Instituto Philippe Pinel (IPP), o Instituto de Psiquiatria (IPUB) e o Instituto de Psicologia (IP), onde funcionava a graduação de Psicologia. No IPUB, assistíamos às aulas de Psicopatologia, ministradas por professores médicos e psiquiatras, desse instituto. Os professores descreviam as práticas psiquiátricas e relatavam as descobertas dos transtornos mentais. No IP, eram abordadas as diversas teorias psicológicas e a forma como cada uma dessas teorias desenvolveu seus conceitos, em torno dos transtornos mentais. A partir de então, comecei a questionar o relacionamento das práticas desses dois campos do conhecimento e a existência de algum tipo de influência da Psicologia, no campo da Psiquiatria.

Mesmo após duas pós-graduações, uma em Saúde Pública e, outra, em Gestão de Recursos Humanos, aquele questionamento persistia. Agora, por meio do Mestrado em Psicologia, na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), encontrei na História da Psicologia, especificamente no Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia (GEPeHP), coordenado por meu orientador, a oportunidade de desenvolver uma pesquisa que respondesse às antigas questões. A partir dessa oportunidade e me colocando como psicóloga-historiadora em formação, iniciei a atividade de explorar conhecimentos e práticas psicológicas que circulavam no debate em torno da Lei nº 4.119 (1962). Ressalte-se que parte desses debates se relacionava ao desempenho do psicólogo como profissional independente na área clínica, que se definia como sendo um campo de atuação que os médicos entendiam como pertencente à Medicina (Buchanan, 2003; Klappenbach, 2012; Mota, Castro Neto & Miranda, 2016).

Todavia, o interesse a respeito dos fenômenos psicológicos, no campo médico e, mais especificamente, em um cenário neuro-psiquiátrico, foi descrito em algumas instituições, como nas faculdades de Medicina e nos hospícios, no período do Brasil colônia até o final do século XIX (Antunes, 2014). Nas primeiras décadas do século XX, fenômenos análogos emergiram dentro de um contexto social brasileiro dominado pelo movimento higienista, que demandava uma melhor organização social da população. Assim, coube à Medicina, mais especificamente à Psiquiatria, realizar as intervenções planejadas mediante o emprego de conhecimentos psicológicos, como ferramenta de controle social (Massimi, 1994; Oda & Dalgarrondo, 2004). Nesse contexto, estudos

históricos sobre o campo Psi – Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise – têm indicado controvérsias entre tais disciplinas, i.e., aproximações e tensionamentos entre as comunidades científico-profissionais no que se refere a aspectos epistemológicos, conceituais, metodológicos e de aplicação (Buchanan, 2003; Klappenbach, 2000a; 2000b). Ao longo do tempo, especificamente na História da Psicologia, apesar de uma tradição em pesquisas sobre as relações entre Psicologia e Medicina (Antunes, 2014), há indicativos da necessidade de pesquisas que auxiliem a reduzir a fragmentação atual dos estudos sobre aquelas relações (Baptista, 2010). Diligências recentes, no Brasil e alhures, têm se direcionado nessa direção (e.g., Ferrari, 2015; Golcman, 2015; Huertas, 1999; Mota, Castro Neto & Miranda, 2016). Tais estudos apontam que houve interesse dentro do campo médico, especificamente na Psiquiatria, por teorias e métodos psicológicos como forma de explicar os mecanismos de desenvolvimento do adoecimento mental.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa é descrever e analisar práticas e conhecimentos psicológicos presentes nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, entre 1943 e 1962. A hipótese apresentada, nesta dissertação, é a de que havia pessoas vinculadas ao campo médico, no Brasil, utilizando conhecimentos psicológicos em suas práxis, nas primeiras décadas do século XX. Assim, acessar um periódico vinculado, especificamente, à Medicina e, particularmente, ao campo neuro-psiquiátrico, poderia nos auxiliar a observar tais conhecimentos e práticas psicológicas. Para alcançar o objetivo proposto, a escrita deste trabalho foi articulada buscando responder a três perguntas gerais: quem escrevia nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria; sobre o que tais atores sociais escreviam e o que eles liam.

O periódico foi escolhido por ser um dos primeiros, no país, associado, notadamente, à Neuro-Psiquiatria. Um dos indicativos da motivação de sua criação é encontrado no contexto do campo médico da época, em que havia a necessidade da divulgação da produção de conhecimentos relativos à Psiquiatria, devido a uma carência de veículos de divulgação daquilo que se produzia, no campo em questão (Carvalho, Matias & Marcondes, 2017; Facchinetti & Munoz, 2013). Nesse cenário, ele surgiu, em 1943, como um veículo de comunicação dirigido à comunidade médica (Spina - França, 2002), com a finalidade de divulgação dos trabalhos desenvolvidos nas duas clínicas neurológicas de São Paulo: uma, pertencente à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e, outra, à Escola Paulista de Medicina (EPM). Desde 1943, os Arquivos de Neuro-Psiquiatria vêm mantendo suas publicações de forma ininterrupta e, em 1970, tornaram-se a revista oficial da Academia Brasileira de Neurologia

(ABNEURO), vinculada à Federação Mundial de Neurologia. O recorte temporal foi estabelecido, tendo em vista o ano de criação do periódico e o momento de publicação da Lei No. 4.119, em agosto de 1962, legislação que regulamenta a formação e a profissão de Psicologia, no Brasil. Metodologicamente, esta investigação se insere no campo da História da Psicologia (Rosa et al, 1996) e se apropria de recursos teórico-metodológicos da História Quantitativa (Brožek, 1972, 1991), da História Digital da Psicologia (Green, 2016) e da Bibliometria (Klappenbach, 2009). Essa confluência de recursos tem sido encontrada na literatura da área, particularmente por meio da utilização de artigos como fonte primária de uma investigação historiográfica (e.g., Antunes 2002; Brožek, 1980; Mota, Castro Neto & Miranda 2016)

Seguindo um modelo de organização que incentiva a publicação acadêmica, cada vez mais comum nos programas de pós-graduação, no Brasil, este trabalho se apresenta na forma de uma compilação de dois artigos desenvolvidos em torno do objeto escolhido para análise. Além desses dois textos, a dissertação ainda se organiza com a presente Introdução e suas Considerações Finais. Os dois artigos que compõem esta dissertação, apesar de suas especificidades, possuem uma estrutura procedural similar. As fontes primárias prioritárias foram coletadas, digitalmente, no sítio eletrônico do periódico. Como ele não exibia um índice remissivo ou categorização das fontes, tornou-se necessária a captura de todos os títulos que foram organizados em uma tabela do *Microsoft Excel*. Além dos títulos, a tabela nos fornecia as seguintes informações: ano de publicação; número e volume do periódico; *hiperlink* de acesso ao texto; nome(s), gênero(s) e instituição(ões) do(s) autor(es); referências aos materiais citados, incluindo autor(es), título, editora, local de publicação e ano.

Ao final, as entradas foram organizadas em diferentes gêneros textuais, tais como: artigos originais, resenhas, homenagens, *in memoriam*, registro de casos, atualização, conferências, análises de livros e reuniões científicas. Desse conjunto, selecionamos apenas os artigos, partindo da premissa de que eles seriam o *corpus* que nos aproximaria mais facilmente de conhecimentos e práticas psicológicas que ali circulavam. A partir daí, realizaram-se procedimentos similares ao de uma revisão sistemática, quais sejam, delimitar critérios de inclusão e exclusão das fontes<sup>1</sup>. Após essa tabulação, efetuou-se uma análise dos textos por meio da leitura, na íntegra, de seus conteúdos e um fichamento para cada um deles. Tais fichamentos permitiram fazer uma análise sobre quem eram os

---

<sup>1</sup>Tais procedimentos, que serão explicitados a seguir, diferenciaram os dois estudos que compõem esta dissertação (ver Figura 1 e Figura 2).

autores que publicaram nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria. As informações diziam respeito às atividades desenvolvidas por eles e à vinculação institucional sobre o que escreviam – o(s) tema(s), a(s) abordagem(ns), a terapêutica(s) - e o que eles liam, ou seja, quais eram as referências bibliográficas buscadas pelos autores dos títulos para embasar os seus trabalhos.

O primeiro artigo foi organizado como um estudo piloto e procurava descrever e analisar os conhecimentos e as práticas psicológicas produzidas pela comunidade médica, entre 1943 e 1949. Esse período compreenderia o início da publicação do periódico e antecederia os debates mais sistematizados sobre a formação e a regulamentação profissional da Psicologia, no Brasil. Nele, foram analisados 12 artigos que haviam sido selecionados a partir dos seguintes critérios de inclusão: ser artigo original, ter em seu título alguma palavra com o prefixo “Psi” e que apresentasse referências bibliográficas (ver Figura 1). Esse estudo é apresentado, na presente dissertação, como o segundo capítulo, intitulado “Explorando conhecimentos e práticas psicológicas nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria (Brasil, 1943-1949).”

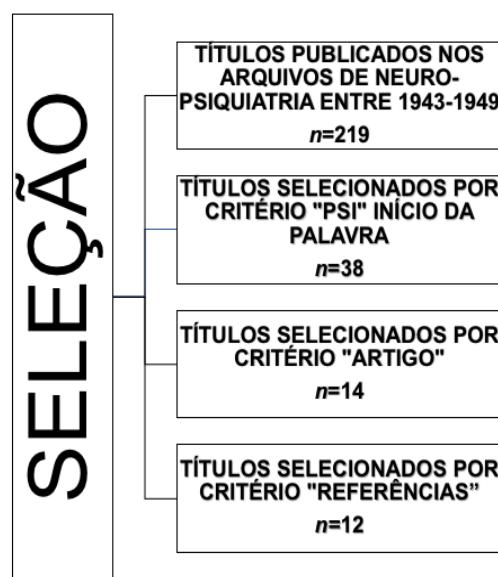


Figura 1 – Fluxograma de seleção dos Artigos por critérios de inclusão, 1943-1949.

O primeiro artigo, apesar de já ter sido publicado (Xavier & Miranda, 2018), possui algumas limitações que haviam sido salientadas quando da Qualificação desta pesquisa. Particularmente, os critérios de inclusão que utilizamos foram excessivamente restritivos. Com isso, poderíamos ter excluído materiais que nos auxiliariam a responder a pergunta geral que guia a investigação. Dessa forma, foi delimitado um segundo estudo,

com critérios potencialmente menos restritivos e com temporalidade ampliada (ver Figura 2). Assim, o segundo artigo, que aparece como terceiro capítulo da dissertação, analisou 46 entradas, que foram selecionadas a partir dos seguintes critérios de inclusão: ser artigo original, ter sido publicado em português brasileiro e possuir referências bibliográficas. Além disso, utilizou-se um critério de exclusão: títulos que sugerissem a entrada do artigo no campo da Neurologia. Cite-se, por exemplo, “Tumores paradoxais do encéfalo: A propósito de 5 casos de glioblastomas multiformes operados” e “O reflexo foto-motor em patologia nervosa”.

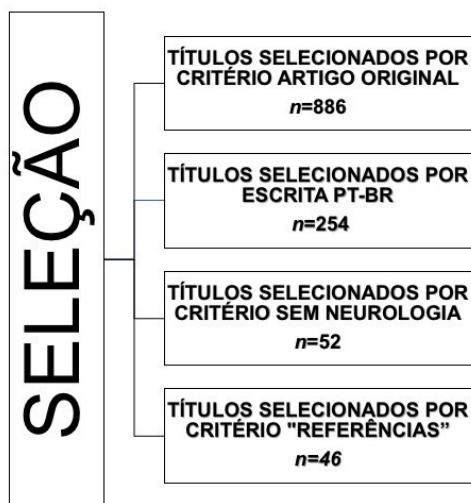


Figura 2 - Fluxograma de seleção dos Artigos por critérios de inclusão, 1943-1962.

Ao final da pesquisa, os resultados encontrados indicam a circulação de saberes psicológicos entre os profissionais que publicaram nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, no período selecionado, i.e., havia o uso de teorias, métodos e técnicas psicológicas para a compreensão e terapêutica de variados quadros patológicos. Todavia, as patologias não estavam necessariamente vinculadas ao adoecimento mental, como, por exemplo, a asma brônquica ou o “mal do engasgo”. O acesso a essas produções apontou, ainda, para o interesse em teorias psicológicas, mais especificamente a Psicanálise.

---

**2. EXPLORANDO CONHECIMENTOS E PRÁTICAS  
PSICOLÓGICAS NOS ARQUIVOS BRASILEIROS DE NEURO-  
PSIQUIATRIA (BRASIL, 1943-1949)**

Em 27 de agosto de 1962, foi regulamentada a formação e o exercício profissional do psicólogo, no Brasil, com a publicação da Lei nº 4.119 (1962). Durante o processo de tramitação da Lei, que durou, aproximadamente, uma década, houve embates entre aqueles que exerciam a Psicologia e profissionais de outras áreas, dentre eles, médicos (Baptista, 2010; Mota, Castro & Miranda, 2016; Rudá, Coutinho & Almeida-Filho, 2015). Esses profissionais se mostravam contrários quanto a determinadas atividades desempenhadas pelos psicólogos. Cite-se, como exemplo, a atuação do psicólogo como profissional independente, na área clínica. O entendimento desses profissionais baseava-se na premissa de que tal campo de atuação se subordinava à profissão médica, sendo o psicólogo seu assistente técnico. Como resultado de tal processo foi atribuído, no texto da referida Lei, como função privativa do psicólogo, o emprego de métodos e técnicas psicológicas para o diagnóstico psicológico e a solução de problemas de ajustamento. Esse último termo foi usado em substituição ao de “psicoterapia” (Jacó-Vilela, 2011).

Estudar aspectos presentes, neste contexto, ajuda-nos a compreender certas condições do passado, que estabeleceram funções específicas para o profissional da Psicologia e que, ainda hoje, regulam a formação e a atuação dos psicólogos brasileiros. Um dos aspectos que pode ser estudado, naquele cenário, é a forma como determinados grupos, especificamente médicos e psicólogos, organizavam, de maneira sistemática, suas práticas e conhecimentos. Com o intuito de compreender estes grupos, bem como as ideias produzidas por eles, recorremos ao uso de conceitos como “coletivos de pensamento” e “estilos de pensamento”. Um coletivo de pensamento é um conjunto de pessoas que se influenciam, mutuamente, durante o desenvolvimento de certa área de pensamento. Tal desenvolvimento implica na produção e circulação de certo estilo específico de pensamento, i.e., conceitos, teorias, instrumentos, etc. (Fleck, 1979/2010). Diante disso, consideramos a Medicina e a Psicologia como dois coletivos de pensamento, cada um com diferentes estilos de pensamento, que disputavam sobre determinadas técnicas, objetos, instrumentos, etc., de maneira a conformar certo espaço social para a sua prática.

Este artigo, assim, objetiva compreender conhecimentos e práticas psicológicas produzidas pela comunidade médica, em um período, no qual ocorriam controvérsias quanto ao campo de atuação e práticas terapêuticas, entre médicos e psicólogos. O recorte temporal antecede às primeiras discussões sobre a regulamentação da profissão de psicólogo, no país, no início da década de 1960. A escolha do periódico justifica-se por

ser um dos primeiros, na área médica, vinculados à Neurologia e à Psiquiatria, no país e por se achar disponível na forma digital e estar em circulação, desde 1943. Para tanto, foram descritas e analisadas características da produção que circulou, no Brasil, entre o período de 1943 a 1949, nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria. Foram utilizadas estratégias de História Quantitativa (Massimi, Campos & Brožek, 2008), Sociobibliometria (Klappenbach, 2009) e História Digital (Green, 2016).

## **2.1 Contexto Social, Psicologia e Medicina no Brasil (1930-1940)**

Em 1937, foi implantado o Estado Novo, no país. O Estado, com poder centralizador, supriu os movimentos das classes populares e formou uma aliança com a classe burguesa, que dominava segmentos econômicos do país. Os processos de industrialização e urbanização foram intensificados devido a interesses mútuos, o que fez gerar, posteriormente, uma preocupação com a organização social, no país (Fausto, 2015). Essa preocupação com o organismo social era decorrente do interesse da classe burguesa em disciplinar e controlar a população, principalmente nos centros urbanos, de maneira a acelerar o processo brasileiro de modernização. Dentro do projeto de intervenção social da época, a Medicina foi um dos instrumentos de controle e de higienização urbana. Com isso, as Faculdades de Medicina, os hospícios a elas vinculados e os fenômenos psicológicos (e.g., comportamentos, psicopatologias) foram convocados como ferramenta de intervenção social (Antunes, 2012).

A partir da década de 1940, a Psicologia começou a se institucionalizar, distanciando-se, cada vez mais, do autodidatismo presente nas décadas anteriores. Esse processo de institucionalização também contribuiu para discussões formais a respeito da profissão de psicólogo, uma vez que a Psicologia começou a se mostrar um saber especializado (Pereira & Pereira Neto, 2003). No final dessa década, o profissional da Psicologia estava no campo da seleção e da orientação profissional, trabalhando em clínicas infanto-juvenis, em associações de Psicologia e na criação dos primeiros periódicos, sinalizando o início de uma Psicologia institucionalizada (Jacó-Vilela, 2012). Assim, como a criação de associações de Psicologia e dos primeiros periódicos, outra contribuição para esse processo de institucionalização foi o surgimento dos primeiros cursos de especialização, na área.

Ainda que a Psicologia tenha se mostrado um campo de saber especializado, para a Medicina, esse saber era auxiliar à prática médica. Um exemplo disso pode ser

encontrado nas teses apresentadas como conclusão de curso, nas Faculdades de Medicina (Massimi, 1993; Rocha, Tranquilli & Lepikson, 2004). A aproximação com a Medicina aconteceria, principalmente, na área que procurava cuidar de distúrbios e rupturas do funcionamento psíquico “esperado”: a Psiquiatria. No entanto, as contribuições da Psicologia foram saudadas por todas as especialidades médicas (Lhullier & Massimi, 2007).

## **2.2 Neurologia e Psiquiatria Brasileira: Os Arquivos de Neuro-Psiquiatria**

Para a Medicina brasileira, a década de 1940 foi um momento de produção e divulgação de conhecimentos vindos da Psiquiatria. Esse movimento era realizado por profissionais médicos, a partir da participação em eventos nacionais e viagens para fora do país, onde encontravam novas técnicas e terapêuticas para o tratamento do adoecimento mental. Tal fato parece indicar que havia, no país, em períodos anteriores, certa carência de meios de divulgação para assuntos relacionados à Psiquiatria (Carvalho, Matias & Marcondes, 2017; Facchinetti & Munõz, 2013). Nesse cenário, os Arquivos de Neuro-Psiquiatria surgiram como um veículo de comunicação para a comunidade médica (Spina-França, 2002). À época,

... o clima científico em São Paulo comporta, ou melhor, exige a existência de mais de uma publicação especializada no terreno da neuropatologia. O retardo na publicação de estudos ou sua publicação em revistas não especializadas representa inquestionavelmente grave inconveniente, cujas consequências vinham sentindo principalmente os dois serviços de clínica neurológica escolares de São Paulo: o da Universidade e o da Escola Paulista de Medicina (Tolosa & Longo, 1943, p.7).

Parecia existir, então, um retardo na publicação de estudos em revistas especializadas, fato que poderia impactar negativamente o serviço das duas clínicas neurológicas de São Paulo, o da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e o da Escola Paulista de Medicina (EPM). Tal insatisfação relatada parece ter sido sanada com a criação de um novo periódico. Os Arquivos de Neuro-Psiquiatria, foram criados, em 1943, por Adherbal Tolosa (FMUSP) e Paulino Watt Longo (EPM), com o objetivo de publicar os trabalhos científicos produzidos nas clínicas neurológicas das duas instituições (Spina-França, 2002).

Além da aparente carência de veículos especializados em Psiquiatria para circular a produção daquele coletivo, parece que havia outra motivação, para Adherbal Tolosa e Paulino Longo, no intuito da criação do periódico: o falecimento de Enjolras Vampré, de quem eram discípulos. Essa seria uma forma de homenagear seu legado. Após a sua morte, seus discípulos passaram a ocupar posições de destaque, dentro da comunidade de neurologistas. Adherbal Tolosa assumiu a direção da cátedra do Serviço de Neurologia da FMUSP e Paulino Longo, a Cátedra de Neurologia da EPM (Vampré, 1943). Vampré parecia ser, à época, um neurologista e catedrático reconhecido, no cenário brasileiro. Seu falecimento foi noticiado no jornal *Correio Paulistano*, de 18 de maio de 1938. Nesta fonte, lemos:

Com o falecimento, hontem [sic], do grande neurologista brasileiro prof. Enjolras Vampré, uma das figuras de mais destacada projecção [sic] no mundo scientifico [sic] e social de São Paulo e do paiz [sic], perde a faculdade de Medicina de São Paulo, um dos seus filhos mais ilustres e representativos (Correio Paulistano, 1938, p.3).

Assim, em 1943, nasciam os Arquivos de Neuro-Psiquiatria que vêm mantendo suas publicações de forma ininterrupta, desde então. A partir de 1970, tornaram-se revista oficial da Academia Brasileira de Neurologia (ABNEURO), a qual, ao mesmo tempo, passou a estar vinculada à Federação Mundial de Neurologia.

### **2.3 Acessando os Arquivos de Neuro-Psiquiatria (1943-1949)**

Não foram encontrados índice remissivo, bem como qualquer outra forma de categorização das publicações existentes nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, para o período estudado (1943-1949). Assim, para acessarmos potenciais estilos de pensamento que circularam naquele coletivo, utilizamos alguns critérios de inclusão para a seleção das fontes. Primeiramente, deveria haver, em alguma palavra do título, o prefixo “Psi”. Respeitando esse primeiro critério, foram selecionados 38 títulos. Em segundo lugar, o texto deveria ser um artigo original, já que havia outras possibilidades de manuscritos, e.g., resenhas, notas de congresso, etc. Como não havia uma categorização que definisse, claramente, quais textos constituíam artigos originais, pesquisou-se, dentro deles, informações que indicassem tratar-se da estrutura de um artigo, e.g. referências bibliográficas. Dessa forma, foram selecionados, após este critério, 12 títulos que tiveram seus conteúdos lidos, na íntegra (Tabela 1). Não foi feita leitura de resumos e palavras-

chave como critério adicional, porque tais elementos não constavam nos textos publicados pelo referido periódico. Vale lembrar que todos os textos publicados, no período pesquisado, estão disponíveis digitalmente, de forma gratuita, no sítio eletrônico da revista.

Tabela 1

*Artigos Selecionados e Analisados Advindos dos Arquivos de Neuro-psiquiatria (1943-1949)*

Título
Encefalite psicótica aguda no decurso de infecção dentofocal
O fator psicológico na asma brônquica
Sobre a psicogênese do "mal de engasgo"
Tratamento fármaco-dinâmico das psiconeuroses
Contribuição psicanalítica ao problema do tratamento cirúrgico da hipertensão arterial
Reações exopsicógenas: Reações psicógenas em terreno alterado
Psicogênese e determinação pericial da periculosidade
Psicoses tóxicas consequentes a administração de quinacrina
O líquido cefalorraqueano nas encefalites psicóticas azotêmicas agudas (Marchand)
Leucotomia pré-frontal em esquizofrênicos, epilépticos e psicopatas. Observações sobre 76 casos operados
Sobre as contribuições da psicanálise para a educação e profilaxia mental
Psicoses de involução. Estudo clínico de 50 casos, com vistas ao prognóstico e terapêutica

Após a leitura do material, iniciou-se o processo de análise e interpretação do material que se pautou em responder a três perguntas principais: Quem publicava nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria? Quais as características de estilos de pensamento que vemos no periódico? Quais referências intelectuais ali circularam? (ver Tabela 1).

## 2.4 Identificando estilos e coletivos de pensamento

### 2.4.1 Quem publicava no periódico?

Com base nas fontes selecionadas ( $n = 12$ ), 18 autores – cuja maioria era do gênero masculino ( $n = 17$ ) - circularam suas produções. Por meio da pesquisa de suas biografias, em fontes disponíveis digitalmente, e.g., o próprio Arquivos de Neuro-Psiquiatria, verificou-se que todos eram formados em Medicina, independentemente do gênero. Esse indicativo refletia a realidade social do Brasil, à época. A comunidade médica, na década de 1940, parecia ser, em sua maioria, composta pelo gênero masculino, sendo menos de

10% do número de médicos do gênero feminino, no país. O crescimento do acesso das mulheres ao Ensino Superior só ocorreu a partir do final dos anos 1930, embora ainda de forma acanhada, somente tomando impulso apenas nas décadas seguintes (Machado, 1997)

Dos 12 títulos selecionados, percebemos que a maioria ( $n = 8$ ) era de autoria singular. Nesses títulos, assinaram: Darcy Mendonça Uchoa, Durval Marcondes, Eduardo Krapf, Heitor Carrilho, Iracy Doyle, Ladislas Joseph Meduna, Napoleão Lyrio Teixeira e Nelson Pires. Nos outros quatro, os títulos tiveram padrão de coautoria. Houve três títulos assinados por dois autores: Paulino Watt Longo com Joy Arruda, Francisco Tancredi com Aloysio Mattos Pimenta e João Baptista dos Reis com Orestes Barini. Por fim, um título foi assinado por quatro autores: Nelson Pires, Rubim de Pinho, George Alakija e Gabriel Nery. Do total de autores, apenas Nelson Pires teve mais de uma publicação ( $n = 2$ ), assinando como primeiro autor em ambas. Assim, observamos que, de maneira geral, o padrão de escrita sugere mais autores individuais e não parece haver centralização de publicação em alguns poucos nomes. Esse mesmo padrão de autoria também emergia no material publicado em periódicos brasileiros de Psicologia, em época similar (Mota et al., 2016; Mota & Miranda, 2017). Isso pode indicar tanto um padrão geral da escrita científica, à época, bem como sugerir certa característica daqueles atores e coletivos envolvidos com práticas e conhecimentos psicológicos, no Brasil.

As informações presentes na Tabela 2 nos mostram as instituições dos autores, sugerindo-nos alguns elementos. A princípio, notamos a pouca participação de instituições estrangeiras, dentre as fontes selecionadas ( $n = 2$ ). Destaca-se, aqui, a publicação de autores estrangeiros ligados às instituições dos Estados Unidos da América (EUA) e da Argentina, respectivamente, Ladislas Joseph Meduna (Universidade Loyola, Chicago - EUA) e Edward Krapf (Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires – Argentina). Todavia, esse último se tornou um vetor influente na Psicologia latino-americana, e.g., em 1951, Krapf ajudou a criar a Sociedade Interamericana de Psicologia (SIP) (Maluf, 2012). Na sequência, percebemos que, dos títulos em coautoria, cada conjunto de autores e coautores estava ligado à mesma instituição, (a) Francisco Tancredi e Aloysio Mattos Pimenta eram médicos do Hospital do Juqueri; (b) Paulino Watt Longo e Joy Arruda, eram médicos do serviço de Neuro-psiquiatria do Instituto Paulista; (c) Joao Baptista dos Reis, Orestes Barini e Nelson Pires eram assistentes de neurologia, na EPM

e (d) Álvaro Rubim de Pinho, George Alakija e Gabriel Nery eram psiquiatras do Sanatório Bahia.

Tabela 2

*Vinculação Institucional dos Autores dos Artigos Selecionados nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria (1943-1949)*

Instituição	Frequência	País	UF	(%)
Sanatório Bahia	5	Brasil	BA	27,78
EPM	3	Brasil	SP	16,66
FMUSP	2	Brasil	SP	11,10
Hospital Juqueri	2	Brasil	SP	11,10
Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil	1	Brasil	RJ	5,56
Universidade do Paraná	1	Brasil	PR	5,56
Faculdade Fluminense de Medicina	1	Brasil	RJ	5,56
Instituto Paulista	1	Brasil	SP	5,56
Universidade de Buenos Aires	1	Argentina	Estrangeiro	5,56
Universidade de Illinois	1	EUA	Estrangeiro	5,56
<b>TOTAL</b>	<b>18</b>			<b>100,00</b>

Ainda referente à Tabela 2, dentre as dez vinculações indicadas nas fontes, daquelas sediadas no Brasil ( $n = 8$ ), houve maior número na região Sudeste ( $n=6$ ) e, desses, houve maioria paulista ( $n = 4$ ). Todavia, a maior frequência de publicações ficou a cargo do Sanatório Bahia ( $n = 5$ ), seguido, então, por três instituições de São Paulo: a EPM ( $n = 3$ ), a FMUSP e o Hospital de Juqueri ( $n = 2$ ). A presença marcante da Bahia poderia ter relação com a história da Medicina e, particularmente, com a produção relacionada a práticas e conhecimentos psicológicos, na região (ver Antunes, 2014; Massimi, 1994). No que tange, especificamente, ao Sanatório Bahia, vale lembrar sua relação com figuras que, historicamente, tornaram-se importantes na psiquiatria brasileira, tais como Nelson Pires, Álvaro Rubim de Pinho, George Alakija e Gabriel Cedraz Nery (Piccinini, 2004). No caso da forte presença paulista ( $n = 8$ ), pode haver relação com o próprio movimento de criação dos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, especialmente se levarmos em consideração que duas das instituições mais frequentes (EPM e FMUSP) eram as responsáveis pela editoração do periódico.

#### **2.4.2 Sobre o que eles falavam?**

Foi realizada a análise dos conteúdos dos textos selecionados (ver Tabela 1), buscando identificar características, daquele estilo de pensamento, relacionadas a práticas e conhecimentos psicológicos, dentro da comunidade médica que ali circulava. A análise do conteúdo destes textos nos sugere que os conhecimentos psicológicos estavam relacionados ao estabelecimento de explicações da etiologia de certas patologias, desde o “mal do engasgo” até quadros psicóticos, passando pela asma brônquica. Desse modo, surgiam os “fatores emocionais”, as “descargas emocionais”, o “conflito emotivo” e as “tensões afetivas”, como explicações. Tais conhecimentos levavam, também, a práticas de intervenção ligadas à Psicologia, especialmente à Psicanálise. A exemplo, Marcondes (1947), procurando discorrer sobre o “mal do engasgo”, assinalou:

Este trabalho tinha por objetivo chamar a atenção para o lado psicológico da etiología do cardiospasma, assunto até agora não abordado nos meios científicos brasileiros ... estou convencido de que o cardiospasma ou "mal de engasgo", como vulgarmente é chamado entre nós, é um distúrbio funcional condicionado psiquicamente, cujas conseqüências orgânicas se tornam irreversíveis depois de certo tempo (p.125).

O “mal do engasgo” foi uma afecção de interesse da medicina brasileira, desde o século XIX. No início do século XX, esteve intimamente relacionada ao estudo de doenças endêmicas, e.g., a Doença de Chagas (Rezende, 2009). A sintomatologia era, *grosso modo*, a dificuldade de deglutição, mas a etiologia era causa de intenso debate. Inclusive, Vampré, mentor dos criadores dos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, havia estudado tal afecção a partir de uma hipótese orgânica, com a utilização do raio-X (Vampré, 1919). Assim, em explicações como a de Marcondes, notamos um interesse por fatores psicológicos, de maneira a conhecer e definir a etiologia de certas patologias, bem como a terapêutica a ser empregada.

Abordagem similar àquela de Marcondes, i.e., relacionar fatores psicológicos que predisporiam o desenvolvimento de determinada patologias, também foi feita por outros autores. Doyle (1946), por exemplo, considerou que:

No ponto de vista psicológico, a predisposição [a asma] seria explicada por um estado de desequilíbrio emocional, seja constitucional, seja, o que parece mais

certo, adquirido, em consequência de conflitos mais ou menos precoces, vividos pelo indivíduo (p. 243).

Pires (1947) e Pires, Pinho, Alakija e Nery, (1949), por sua vez, relataram a aplicação de métodos psicológicos de base psicanalítica no tratamento das doenças diagnosticadas como psicoses de involução, identificadas como grupo de doenças mentais de causas heterogêneas, que reuniam diferentes quadros clínicos, à época. Esses métodos psicológicos eram aplicados em associação a um tratamento químico, com Cardiazol e Insulina. Os medicamentos, após sua aplicação, provocavam convulsões nos pacientes, com o intuito de cessar os sinais e os sintomas gerados pelas psicoses de involução. Os métodos psicológicos serviam como método auxiliar quando se observava a presença de alguns sinais e sintomas, após a terapêutica medicamentosa.

Neste cenário, em que conhecimentos e práticas psicológicas apareciam como forma de diagnosticar e estabelecer diretrizes terapêuticas para certas doenças, a Psicanálise e seus métodos apareciam em destaque. Ela aparecia como um método historicamente vinculado à Medicina. Nas palavras de Uchoa (1949):

Como é sabido, nasceu a psicanálise no campo essencialmente médico: método de investigação e tratamento de certas doenças nervosas. Ulteriormente, ela deslocou e ampliou gradativamente sua esfera de interesse dentro e fora da medicina, tornando-se a "ciência do inconsciente psíquico" (p. 165)

No seio de tal produção médica, vinculada à Psicanálise, Pires et al. (1949) relataram que:

Os psicanalistas mostraram que, na fisionomia sintomática dum [sic] quadro psicopatológico, muita coisa não é própria “daquela” entidade clínica e sim de conflitos, fixações, resistência, complexos e recalques, coisas que, sendo absolutamente individuais e também reversíveis, não pertencem propriamente ao quadro clínico geral e sim ao individual. (p. 181)

Krapf (1947) foi ainda mais explícito, ao abordar o tratamento cirúrgico da hipertensão arterial:

... ante tais fatos, não se deve suspeitar que a simpatectomia tenha efeito apenas sobre um fator secundário da estrutura etiopatogênica total e que os fatores centrais, em grande parte, psíquicos, sejam, muitas vezes, capazes de sobrepor-se à intervenção cirúrgica na periferia, quer desde o princípio, quer ao cabo de

certo período de reajuste? Parece-me que o problema é digno de atenção, e estou convencido de que, com a ajuda do método psicanalítico, pode ser, em grande parte, esclarecido (p. 251)

Esse cenário, em que a Psicanálise compunha o estilo de pensamento daquele coletivo, pode se referir ao movimento de sua apropriação, no Brasil, desde o final do século XIX, quando a classe médica discutia muitas questões que eram consideradas “de risco” para a organização da sociedade, e. g., a histeria. Tal conceito ocupou papel de destaque nesse momento, devido à crença dos médicos de que a frágil estrutura física e mental das mulheres as predispunha ao desenvolvimento do quadro histérico, o que contribuiria, ainda mais, para a degeneração da população brasileira (Fachinetti & Muñoz, 2013). Desse modo, a psiquiatria brasileira incorporava concepções da Psicanálise que, inclusive, fomentaram a criação de sociedades. As Sociedades Brasileiras de Psicanálise foram fundadas, em 1927, na cidade de São Paulo, por Durval Marcondes e, em 1929, na cidade do Rio de Janeiro, por Juliano Moreira (Russo, 2006).

#### ***2.4.3 O que eles liam?***

O entendimento do que os autores liam buscou identificar características intelectuais presentes entre aqueles atores, i.e., a existência de interesses, bases de conhecimentos e percepções compartilhadas que auxiliassem a identificar, não apenas tais características, mas se elas sugeriam o estabelecimento de certo coletivo de pensamento. Dos 12 textos analisados, todos apresentaram referências bibliográficas e, nesse cenário, conseguimos catalogar 161 referências. Do total de referências, dois pontos chamam a atenção. Inicialmente, a articulação em torno de certas referências, o que pode sugerir relações intelectuais que os levavam a entender os problemas de maneira semelhante. Apesar de não ser possível traçar uma relação interpessoal entre os autores, uma vez que as fontes utilizadas dizem de referências por eles citadas, constatamos certa aproximação intelectual entre Iracy Doyle, Durval Marcondes e Eduardo Krapf, novamente em torno de elementos da Psicanálise. Ao acessar os trabalhos publicados por eles, em nossas fontes, foi possível verificar citações em comum de obras dos autores Eduardo Weiss, Franz Alexander e Helen Dunbar. Assim, notamos certa articulação em torno de certo interesse em Psicanálise – como voltaremos a observar -, especialmente no que se refere a elementos da Psicossomática. Em prosseguimento, percebemos uma multiplicidade de idiomas, o que pode sugerir uma pluralidade de influências intelectuais sobre tal

produção, no país. Os dados compilados, na Tabela 3, indicam que o inglês foi a língua predominante ( $n = 78$ ), seguida pelo alemão ( $n = 27$ ) e, então, pelo português ( $n = 25$ ).

Tabela 3

*Distribuição de Idiomas das Referências Bibliográficas das Fontes Analisadas nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria (1943-1949)*

Idioma	Frequência	%
Inglês	78	48,44
Alemão	27	16,77
Português	25	15,53
Espanhol	17	10,56
Francês	9	5,59
Italiano	5	3,11
TOTAL	161	100,0

O predomínio do inglês pode ser compreendido a partir de certa mudança nas referências das obras utilizadas pelos cientistas brasileiros, na década de 1940 (Carvalho et al., 2017). Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, houve uma diminuição do acesso à bibliografia europeia, acarretando um crescimento da influência estadunidense, no Brasil. O aumento dessa influência levou a uma maior aproximação entre as instituições psiquiátricas do Brasil e as daquele país, materializadas pela oferta de bolsas de estudos, nas instituições dos EUA. Ao retornarem de seus estudos, naquele país, os profissionais compartilharam, com as instituições brasileiras, aquilo que estudaram e a forma como as instituições estadunidenses se organizavam. Nas fontes, lemos:

Tendo o Dr. Cecil Charles Burlingame, diretor do Instituto Neuropsiquiátrico de Hartford (Connecticut, EUA), oferecido ao Professor Pacheco e Silva uma bolsa de estudos para um de seus assistentes, coube-nos recebê-la ...Nos levaram a Hartford, a fim de aperfeiçoar conhecimentos aqui adquiridos com aquele Mestre e com Paulino Longo, eminente catedrático da Escola Paulista de Medicina (Novais, 1947, p.167)

Percebemos, portanto, que havia um interesse dos médicos brasileiros por novos conhecimentos e práticas já desenvolvidas nas instituições estadunidenses, o que facilitou o contato com a língua inglesa.

Apesar do deslocamento das referências da comunidade psiquiátrica, da Europa para os EUA, muitos médicos ainda buscavam, na Europa, novas técnicas e conhecimentos. Um exemplo disso é o fato das obras em alemão serem as segundas mais citadas. A presença de tal literatura sugere que uma parcela dos autores preferia a leitura das obras em seu idioma original, possivelmente devido a uma falta de tradução sobre os assuntos do campo de seu interesse. Outra hipótese provável é a existência de uma cooperação cultural-científica entre a Alemanha (Hamburgo) e o Brasil, por meio da oferta de oportunidades de aperfeiçoamento em universidades alemãs (Sá & Silva, 2010), além da influência alemã no desenvolvimento da Neurologia Brasileira, principalmente a partir da figura do médico alemão Emil Kraepelin (Facchinetti & Munoz, 2013). Um exemplo que ilustra a importância de instituições europeias no campo da neurologia pode ser visto pelo já citado Vampré. Em 1925, ele foi escolhido para representar a FMUSP, durante as comemorações do centenário de Charcot, em Paris. Posteriormente, mas ainda na mesma viagem à Europa, ele visitou a Alemanha, com a finalidade de conhecer os serviços psiquiátricos de Daldorf, Wuhlgarten, Herzberg e Brech (Canelas, 1985).

Por fim, devemos considerar a influência da Psicanálise, visto sua recorrência. Uma das referências, em alemão, reporta-se a uma das primeiras obras de Freud (1905), *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* (Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade). Em outras referências, ainda no alemão, constatamos que o tema de maior interesse dos autores foi a asma, especificamente sobre sua psicogênese e psicoterapia ligadas à Psicanálise, e.g., *Analyse, Indikation und Grenze der Psychotherapie beim Bronchialasthma* (Hansen, 1927) (Análise, indicação e fronteiras da psicoterapia na asma bronquial), *Asthma und Psychotherapie* (Loewenstein, 1926) (Asma e Psicoterapia) e *Zur Psychogenität des Asthma bronchiale* (Wulff, 1913) (Sobre a psicogênese da asma bronquial). Essas obras citadas sugerem que, além de um interesse pela Psicanálise, por aqueles que escreviam nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, havia um investimento – mesmo que fosse simbólico – na sua circulação, no original.

## **2.5 Considerações Finais**

Este artigo teve por objetivo compreender conhecimentos e práticas psicológicas produzidas pela comunidade médica, em um período anterior às primeiras discussões sistematizadas sobre a regulamentação da profissão e a formação do psicólogo, até a sua efetivação, no país. Notamos que, dentre as fontes analisadas, houve uma prevalência do

gênero masculino, o que refletia a realidade social brasileira do período, i.e., certa ausência – ou invisibilidade – das produções femininas, no campo científico. Observamos, também, que muitos desses autores estavam ligados às instituições médicas, cujos estados se encontravam entre os primeiros a receberem Faculdades de Medicina, no país. Todavia, como a política do próprio periódico era a circulação de produções paulistas, verificamos alta incidência de materiais de São Paulo. No que tange à vinculação institucional, vimos uma restrita participação de autores provenientes de instituições estrangeiras. Entretanto, a presença estrangeira se fez marcante, quando observadas as referências citadas pelas fontes, especialmente o inglês e o alemão. É interessante salientar que partimos do princípio que haveria, *a priori*, um coletivo médico partilhando certo estilo de pensamento. As fontes nos indicaram outra direção, i.e., elas sugeriram um padrão individual de escrita, o que pode indicar certo protagonismo individual quando da divulgação de práticas ainda não estandardizadas, naquele grupo. Notamos, todavia, que poderia haver o estabelecimento de certos coletivos, a partir das relações intelectuais entre aqueles autores. Isso se fez ver pelas referências comuns a determinadas obras e autores, particularmente vinculados à Psicanálise.

Nossa hipótese inicial era que a compreensão de tais aspectos nos auxiliaria a lançar uma luz sobre os métodos pelos quais os médicos se apropriavam de conhecimentos e práticas psicológicas e de como isso, por sua vez, contribuía para elucidar certas controvérsias entre os médicos e os psicólogos, durante o processo de regulamentação da profissão de Psicólogo, iniciado na década de 1950. Apesar das características descritas nos auxiliarem, elas parecem se direcionar sobre aspectos que, ainda, demandam uma melhor investigação. Na circulação de práticas e conhecimentos psicológicos, por aqueles autores, percebemos certa prevalência de discursos e métodos psicanalíticos. Essa vinculação à Psicanálise sugere que os embates para a profissionalização da Psicologia, sobretudo no que se referia à Psicologia Clínica, pode ter sido um ponto de debate entre aqueles médicos psicanalistas – portanto, clínicos – e as pessoas que produziam outras intervenções clínicas, em Psicologia.

Por fim, consideramos necessário indicar certas limitações metodológicas de nosso trabalho. Ele se baseou em, apenas, um periódico médico brasileiro e em um certo recorte temporal. Portanto, nossa análise não pode ser extrapolada para todo o cenário médico ou da Neuro-Psiquiatria, no país, à época. Além disso, nossos critérios de inclusão das fontes primárias podem ter desconsiderado outros materiais que também nos

auxiliariam a compreender as práticas e os conhecimentos psicológicos que circulavam entre o coletivo médico. Dessa maneira, novos estudos precisam ser realizados. Aponte-se, por exemplo, o aprofundamento da relação entre Psicologia, Psicanálise e Psicologia Clínica, no Brasil, à época. Identificamos, todavia, certas características que nos auxiliam a compreender uma produção médica que, por sua vez, contribui para a identificação de algumas controvérsias presentes quanto ao uso de conhecimentos e práticas psicológicas da regulamentação da profissão de psicólogo, no país.

## **2.6 Referências**

- Antunes, M. A. M. (2012). Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 32(spe):44-65. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500005>
- Antunes, M. A. M. (2014). *A Psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo, EDUC.
- Baptista, M. T. D. S. (2010). A regulamentação da profissão Psicologia: documentos que explicitam o processo histórico. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 30(spe):170-191. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000500008>
- Canelas, H. M. (1985). Centenário de Enjolras Vampré. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 43(4): 343-346. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1985000400001>
- Carvalho, C.; Matias, C. & Marcondes, S. (2017). A divulgação da psiquiatria brasileira na imprensa (1930–1940). *Journal of Science Communication*, 16(3):1-13. Retirado de: [https://jcom.sissa.it/sites/default/files/documents/JCOM\\_1603\\_2017\\_A13\\_pt.pdf](https://jcom.sissa.it/sites/default/files/documents/JCOM_1603_2017_A13_pt.pdf)
- Dr. Enjolras Vampré. (18 maio, 1938). Correio Paulistano, p.3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=090972\\_08&pagsis=24090&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=090972_08&pagsis=24090&url=http://memoria.bn.br/docreader#)
- Facchinetti, C. & Muñoz, P. F. N. (2013). Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 20(1):239-262. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v20n1/13.pdf>
- Fausto, B. (2015). *História concisa do Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

Fleck, L. (1979). *Genese and development of a scientific fact*. Chicago, The University of Chicago press. (Obra original publicada em 1935)

Fleck, L. (2010). *Gênese e desenvolvimento de um fato Científico*. Belo Horizonte, Fabrefactum. (Tradução do original em língua alemã de 1935)

Green, C. D. (2016). A digital future for the history of psychology? *History of Psychology*, 19(3):209-219.

Jacó-Vilela, A. M. (org). (2011). *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro, Imago.

Jacó-Vilela, A. M. (2012). História da Psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino. *Psicología: Ciencia e Profissão* 32(spe):28-43. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S14149893201200050004&script=sci\\_abstract&tlang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S14149893201200050004&script=sci_abstract&tlang=pt)

Klappenbach, H. (2009). Estudio bibliométrico de la Revista de Psicología de la Universidad Nacional de La Plata: 1964-1983. *Revista de Psicología (La Plata)*, (10):13-65. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/14968>

Lei n. 4.119, de 27 de agosto de 1962 (1962, 10 de setembro). Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/1950-1969/L4119.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L4119.htm)

Lhullier, C. & Massimi, M. (2007). Psicologia nas teses da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. In: Gomes, W. B. (org), *Psicologia no estado do Rio Grande do Sul* (p. 25-55). Porto Alegre, Museu Virtual da Psicologia.

Machado, M. H. (org) (1997). *Os médicos no Brasil: um retrato da realidade*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ.

Maluf, M. R. (2012). Sociedad Interamericana de Psicología: historia, trayectoria y proyectos. *Revista de Psicología (Lima)*, 30(1):215-220.

Massimi, M. (1993). O ensino de Psicologia no século XIX na cidade do Rio de Janeiro. Paidéia (Ribeirão Preto), 4:64-80. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/c2248/pdf/freitas-9788599662830-06.pdf>

Massimi, M. (1994). Considerações gerais sobre psicologia e história. *Temas em Psicologia*, 2(3):19-26.

Massimi, M.; Campos, R. H. F. & Brožek, J. (2008). Historiografia da Psicologia: Métodos. In: Freitas, R. H., (org). *História da psicologia: pesquisa, formação, ensino* (p. 21-48). Rio de Janeiro, Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

Mota, A. M. G. F., Castro Neto, E. A. & Miranda, R. L. (2016). “Problemas de ajustamento” e “saúde mental”: controvérsias em torno de um objeto psicológico. In: Almeida, L. P. (org). *Políticas públicas, cultura e produções sociais* (p. 51-69). Campo Grande, UCDB.

Mota, A. M. G. F. & Miranda, R. L. (2017). Desvelando estilos de pensamento – ‘Diagnósticos’ nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica (1949 – 1968). In: Duarte, A. O. S. A.; Cassemiro, M. F. P.; Campos, R. H. F. (orgs). *Psicologia, educação e o debate ambiental: Questões históricas e contemporâneas* (p. 277-288). Belo Horizonte, CDPAH.

Pereira, F. M. & Pereira Neto, A. (2003). O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. *Psicologia em Estudo*, 8(2):19-27.

Piccinini, W. J. (2004). História da Psiquiatria. A casa da Lapinha e outras histórias, *Psychiatry on line Brasil*, 9(10). Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano05/wal0505.php>

Rezende, JM. (2009). Mal de engasgo e doença de Chagas: a solução de um quebra-cabeças. In: *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* (p. 307-324). São Paulo, Editora Unifesp.

Rocha, N. M. D.; Tranquilli, A. G. & Lepikson, B. B. (2004). A Faculdade de Medicina da Bahia no Século XIX: A Preocupação com Aspectos de Saúde Mental. *Gazeta Médica da Bahia*, 74(2):103-126. Retirado de: [http://www.gmbahia.ufba.br/adm/arquivos/art\\_rev\\_20042.pdf](http://www.gmbahia.ufba.br/adm/arquivos/art_rev_20042.pdf)

Rudá, C.; Coutinho, D.; Almeida-Filho, N. (2015). Formação em psicologia no Brasil: o período do currículo mínimo (1962-2004). *Memorandum*, 29:59-85.

Russo, J. A. (2006). O movimento psicanalítico brasileiro. In: A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira; F. T. Portugal (orgs), *História da Psicologia: rumos e percursos* (p. 413- 424). Rio de Janeiro, Nau Editora.

Sá, M. R. & Silva, A. F. C. (2010). La revista médica de Hamburgo y la revista médica germano-ibero-americana: diseminación de la medicina germánica en España y América Latina (1920-1933). *Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*. LXII(1):7-34. Retirado de: <http://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/viewFile/295/291>

Vampré, E. (1919). *Contribuição ao Estudo do Mal de Engasgo*. São Paulo: Serviço Sanitário do Estado de São Paulo.

---

**3. DESCORTINANDO PRÁTICAS E CONHECIMENTOS  
PSICOLÓGICOS NOS ARQUIVOS DE NEURO-PSIQUIATRIA  
(1943-1962)**

O período transcorrido entre as décadas de 1950 e 1970 foram marcados, em diferentes locais do mundo, por embates entre Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria (Buchanan, 2003; Castro & Alcântara, 2011; Klappenbach, 2000a; 2000b). Tais embates podem ser compreendidos como movimentos de cooperação e competição entre os grupos. De maneira geral, havia um cenário em que inexistia uma tradição de psicólogos clínicos interessados no campo da psicoterapia e, portanto, essa seara vinha sendo ocupada pela interconexão Psiquiatria-Psicanálise. Além disso, havia certa desconfiança do campo médico quanto ao estatuto das “doenças mentais” e, também, da “cura pela palavra” como mecanismo terapêutico. Isso, inclusive, levaria ao fortalecimento de alternativas medicamentosas, exatamente nesse período (Ban, 2001). Por fim, havia o incremento de uma Psicologia Aplicada que, gradativamente, aproximava-se da prática clínica em setting psicoterápico (Antunes, 2004). Assim, produzia-se um cenário em que fronteiras e limites precisavam ser estabelecidos entre tais comunidades científico-profissionais, mas com uma dificuldade: nenhuma delas conseguia definir, de maneira clara, o que seria a psicoterapia e, a partir daí, delimitar características (e.g., métodos, técnicas) que permitissem o monopólio da atividade.

O Brasil foi um dos países em que ocorreu o debate entre os diferentes campos Psi (Baptista, 2010; Rudá, Coutinho, & Almeida Filho, 2015). Esse debate se deu, sobremaneira, durante o processo de trâmite da Lei No. 4.119 que, a partir de 1962, regulamenta a formação e a profissão de Psicologia, no país. Até sua efetiva publicação, o projeto de lei tramitou por, aproximadamente, dez anos, em decorrência de embates científico-profissionais entre aqueles interessados no que parecia ser o monopólio de atividades do campo Psi, particularmente da Psicologia Clínica. Tais embates relacionavam-se, principalmente, a dois aspectos: (a) a subordinação, ou não, da prática da Psicologia à Medicina e (b) a competência da prática psicoterápica, uma vez que alguns profissionais médicos entendiam ser essa prática uma competência da Medicina (Pereira & Pereira Neto, 2003). A fim de compreender os aspectos de tais embates, estudos recentes, na História da Psicologia, têm enfocado em produções científicas que circulavam nos periódicos brasileiros vinculados à Psicologia Aplicada (Mota & Miranda, 2017; Mota, Casto Neto, & Miranda, 2016). Dentre os resultados de tais investigações, há o reconhecimento de que havia médicos produzindo Psicologia Aplicada sendo, também, favoráveis à constatação da Psicologia como uma profissão não-subordinada à Medicina.

Dessa forma, com o intuito de melhor compreender as práticas e os conhecimentos psicológicos que circulavam entre os médicos, no Brasil, quando dos embates legais para a regulamentação da Psicologia como formação e profissão, propusemos o presente estudo. Especificamente, este artigo tem por objetivo descrever e analisar conhecimentos e práticas psicológicas que circularam, nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, entre 1943 e 1962. Esse recorte temporal compreende (i) o ano de criação do periódico e (ii) o período de ímpeto das discussões sobre a formação em Psicologia (ver Cabral, 1953; Schneider, 1949) e sua efetiva regulamentação, em 1962. Metodologicamente, essa investigação se insere no campo da História da Psicologia (Rosa et al, 1996) e se apropria dos recursos teórico-metodológicos da História Quantitativa (Brožek, 1972, 1991), da História Digital da Psicologia (Green, 2016) e da Sociobibliométrica (Klappenbach, 2009). As fontes primárias foram 46 artigos publicados nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria. A partir delas, propusemos três perguntas gerais a serem respondidas, a saber: (1) Quem eram aquelas pessoas que publicavam no periódico? (2) Quais eram as influências intelectuais que circulavam entre tais atores sociais? (3) Quais eram as temáticas de interesse, ali presentes? As respostas a tais perguntas compõem os resultados desta pesquisa, sugerindo que, na comunidade médica, a circulação de práticas e conhecimentos psicológicos estava ligada a interesses por métodos, técnicas e teorias psicológicas voltadas ao entendimento do adoecimento mental.

### **3.1 Método**

#### ***3.1.1 Definição do Periódico***

O periódico foi escolhido por ser um dos primeiros, no país, vinculado, especificamente, à Neuro-Psiquiatria. Ele foi criado, em 1943, como um veículo de comunicação dirigido à comunidade médica (Spina-França, 2002), com a finalidade de divulgar os trabalhos desenvolvidos nas duas clínicas neurológicas de São Paulo: a clínica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e a clínica da Escola Paulista de Medicina (EPM). Segundo seus fundadores, os Arquivos de Neuro-Psiquiatria surgiram devido a uma carência de veículos científicos especializados, na área, que pudessem publicar os trabalhos realizados por essas clínicas (Tolosa & Longo, 1943). Eles vêm mantendo suas publicações de forma ininterrupta. Em 1970, o periódico se tornou a revista oficial da Academia Brasileira de Neurologia (ABNEURO), ligada à Federação Mundial de Neurologia.

### 3.1.2 Definição do Corpus Documental

Todas as 886 entradas, publicadas nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, foram tabuladas em um arquivo de *Microsoft Excel*. A partir disso, utilizamos os critérios de inclusão, que se encontram sumarizados na Figura 1, para compor a amostra analisada. Primeiramente, delimitamos que deveriam ser artigos originais e, em seguida, que eles deveriam possuir a seção de referências bibliográficas. Além disso, todos deveriam ter sido escritos em português brasileiro. Além dos já citados, foi aplicado seguinte critério de exclusão: conter, em seus títulos, elementos que os ligassem ao campo da Neurologia. Assim, ao final, 46 artigos compuseram a amostra analisada, neste estudo (ver Figura 2).

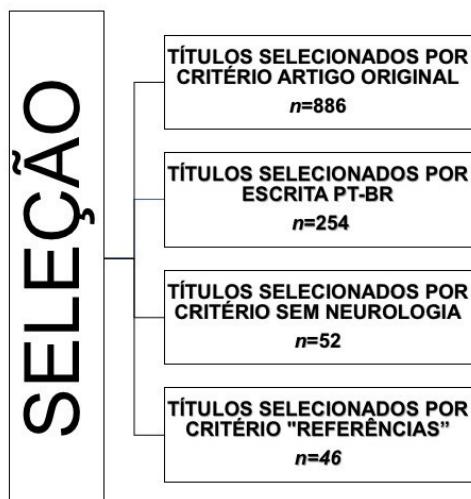


Figura 1 - Fluxograma de seleção Artigos por critérios de inclusão, 1943-1962

Títulos
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O crime no período prodrômico da esquizofrenia</li> <li>2. Mecanismo criminógeno nos estados crepusculares epilépticos</li> <li>3. Higiene mental de guerra</li> <li>4. Narcoanálise</li> <li>5. O alcoolismo em Pernambuco: Estudo estatístico</li> <li>6. Considerações a propósito de dois casos de gagueira</li> <li>7. O fator psicológico na asma brônquica</li> <li>8. Sobre a psicogênese do "mal de engasgo"</li> <li>9. Tratamento fármaco-dinâmico das psiconeuroses</li> </ol>

10. Contribuição psicanalítica ao problema do tratamento cirúrgico da hipertensão arterial
11. Reações exopsicógenas: Reações psicógenas em terreno alterado
12. Psicogênese e determinação pericial da periculosidade
13. Inclinações temperamentais de escolares, através de teste coletivo
14. Leucotomia pré-frontal em esquizofrênicos, epilépticos e psicopatas. Observações sobre 76 casos operados
15. Sobre as contribuições da psicanálise para a educação e profilaxia mental
16. Psicoses de involução. Estudo clínico de 50 casos, com vistas ao prognóstico e terapêutica
17. Contribuição para o estudo das psicoses atípicas: esquizofrenias com manifestações maníacas
18. Sobre a psicanálise das psicoses
19. Instigação farmacodinâmica do subconsciente. Contribuição ao estudo da narcose, do narcodiagnóstico e da narcoanálise, do ponto de vista médico-legal
20. Conceito de desagregação em psiquiatria
21. Contribuição para o estudo da psicopatologia da afasia em crianças
22. Do quociente intelectual entre alunos
23. Síndromes mentais e doenças cerebrais
24. Novo teste para diagnóstico das afasias
25. Sobre um caso de crianças desajustadas nas escolas públicas do Recife
26. O doente mental e sua família: dificuldades no curso da assistência ao doente mental
27. Psicogênese das úlceras pépticas
28. Aplicação da genética humana à higiene mental: revisão de 300 matrículas do Centro de Saúde de Santana
29. Mutismo acinético
30. As diversas aproximações à terapêutica de grupo
31. Caracterização da patologia cerebral, da psicopatologia e da heredologia psiquiátrica na doutrina de Kleist
32. Esquizofrenia e psicoses degenerativas de Kleist: patogenia e psicopatologia diferenciais
33. Desordens paralógicas e alógicas à luz da patologia cerebral
34. Psicoses degenerativas: fasofrenias de Kleist
35. Afasia amnésica: Considerações a propósito de um caso
36. Subcorticotomia do lobo orbitário e distúrbios instintivos
37. Esquizofasia: report of two cases
38. Psicopatologia da despersonalização
39. Aspectos técnicos da psicoterapia de grupo
40. Importância dos instintos sexuais em Psicopatologia
41. Problemas psiquiátricos em geriatria
42. Fronteiras na investigação da esquizofrenia
43. Seqüelas das reações psiconeuróticas de guerra
44. Ensaio clínico com a trifluromazina (Siquil) em psicóticos
45. A regência do sintoma

46. Memória organísmica: aprendizado e automatização de sintomas

*Figura 2 - Títulos selecionados e analisados dos Arquivos de Neuro-Psiquiatria (1943-1962)*

### **3.1.3 Definição de Mecanismos e Instrumentos de Análise**

As fontes foram analisadas de três formas complementares. Primeiramente, uma análise de frequência simples, de forma a organizar a distribuição de determinadas características possíveis de serialização e quantificação. A título de exemplo, aponte-se a distribuição de gênero de autores e localização geográfica, entre outros. Em segundo lugar, por meio de Análise de Conteúdo Bardin (2009), com o emprego de técnicas de análise temática e categorial. Isso permitiu organizar os 46 artigos em unidades de temas recorrentes (Minayo, 2000), a fim de identificar o sentido das comunicações escritas nos artigos. Nesse contexto, utilizamos o *software* IRAMUTEQ (Ratinaud, 2009) para a produção de nuvem de palavras e análise de similitude de conteúdo. Por fim, foi realizada uma Análise Documental (Luchese, 2014) das fontes primárias, procurando extrair delas sentidos atribuídos por seus autores.

## **3.2 Resultados e Discussão**

### **3.2.1 Quem publicava no periódico?**

Um primeiro ponto que pode ser observado é o gênero dos autores. Considerando apenas a primeira autoria, nota-se uma quase totalidade masculina ( $n = 45$ ). Esta característica pode estar relacionada a um contexto geral da Medicina ter sido construída e dominada, historicamente, por homens, no Ocidente, ao longo do século XIX e grande parte do XX (Rago, 2000). Inclusive, no caso do Brasil, há autores que sinalizam haver forte prevalência masculina, uma vez que, praticamente, 90% dos profissionais eram homens (Machado, 1997). Estudos com desenho semelhante a esse encontraram resultados similares: considerando uma produção geral da ciência brasileira, entre as décadas de 1940 e 1960, tendo como fontes diferentes revistas científicas - Anais da Academia Brasileira de Ciências, Revista Brasileira de Biologia, Memórias do Instituto Oswaldo Cruz e Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais - , consideram que havia uma prevalência de nomes masculinos (Ferreira et al., 2008). Assim, tal caracterização da Medicina, à época, parece refletir um quadro geral da produção

científica nacional em que a participação feminina se inicia, de forma mais clara, a partir da década de 1930, mas se fortalecerá somente a partir de 1960, com as mudanças sociais daquele período (Leta, 2003).

Do ponto de vista da organização de autoria, observa-se que a autoria singular foi a mais recorrente ( $n = 33$ ) no recorte temporal estudado. Nota-se um ligeiro aumento no número de artigos em coautoria, ao longo do tempo: entre 1942 e 1947, foram publicados apenas três; de 1948 a 1953, quatro artigos; de 1954 a 1959, cinco e, de 1960 a 1962, um artigo. Vale a ressalva que, para o último recorte, houve apenas metade do tempo de análise do que para os períodos anteriores, o que pôde influenciar o resultado. Esse padrão de coautoria parece estar relacionado ao processo de institucionalização da produção científica, como apontado por Le Coadic (1996), qual seja, uma etapa inicial com a produção solitária e autônoma de um pesquisador, culminando em produções coletivas e organizadas. Assim, é provável que a mudança do padrão de coautoria, identificada a partir da década de 1950, esteja relacionada a uma transição de fases teorizada por Le Coadic e tenha sido impulsionada pela criação de agências científicas brasileiras, tais como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), no final da década de 1940 e, em 1951, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Chama-nos a atenção, ainda, o fato de que apenas 25 autores assinaram os 46 títulos da amostra selecionada e, dentre eles, dez autores assinaram a maioria dos títulos ( $n = 31$ ) (Tabela 1), o que pode sugerir aquilo que a literatura denomina de “colégio invisível” (Meadows & De Lemos, 1999; Price & Beaver, 1966). Esse conceito indica que a produção e a circulação de uma ciência ocorreram de forma condensada, i.e., por meio da formação de um grupo reduzido de pesquisadores que mantiveram um alto grau de produção e comunicação entre si. Embora não notemos uma comunicação entre si, a partir das fontes analisadas, percebemos a concentração de, aproximadamente, 67% da produção em apenas dez pessoas.

Tabela 1

*Autores que mais publicaram nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, de 1943-1962, em ordem decrescente de frequência.*

Autor	Frequência
-------	------------

Nelson Pires	7
Darcy de Mendonça Uchôa	5
Marcelo Blaya	3
Aníbal Silveira	3
Spartaco Vizzotto	3
Antonio B. Lefèvre	2
Durval Marcondes	2
Gonçalves Fernandes	2
Maurício Levy Junior	2
Francisco Tancredi	2
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>

Antes de adentrarmos à análise das organizações de autoria e coautoria, pensamos ser indispensável apresentar as instituições e as regiões geográficas a que tais artigos estavam vinculados. Analisando, apenas, a vinculação institucional do primeiro autor, notamos a pouca participação de instituições estrangeiras, nas fontes selecionadas ( $n = 3$ ). Isso pode ter ocorrido pelo nosso critério de inclusão: artigos escritos em português-brasileiro. Portanto, de maneira geral, não é possível afirmar que havia, necessariamente, uma prevalência de participação de instituições nacionais em detrimento das internacionais, nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria.

Tabela 2

*Autores dos artigos selecionados nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria (1943-1962) por vinculação institucional e distribuição geográfica.*

País	Região	Estado	Instituição	Frequência
Argentina	Estrangeiro	Estrangeiro	Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires	1
Brasil	Nordeste	BA	Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia	4
Brasil	Nordeste	BA	Sanatório Bahia	2
Brasil	Nordeste	PE	Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco	1
Brasil	Sudeste	MG	Instituto Raul Soares	1
Brasil	Sudeste	RJ	Faculdade Fluminense de Medicina	2
Brasil	Sudeste	RJ	Colônia Juliano Moreira Rio de Janeiro	1

Brasil	Sudeste	RJ	Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.	1
Brasil	Sudeste	RJ	Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil	1
Brasil	Sudeste	SP	Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo	13
Brasil	Sudeste	SP	Hospital de Juqueri.	8
Brasil	Sudeste	SP	Hospital de Vila Mariana, São Paulo	1
Brasil	Sudeste	SP	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários	1
Brasil	Sudeste	SP	Manicômio Judiciário do Estado de São Paulo	1
Brasil	Sul	PR	Faculdade de Direito da Universidade do Paraná.	1
Brasil	Sul	RS	Faculdade de Medicina de Porto Alegre	2
Brasil	Sul	RS	Clinica Pinel Porto Alegre	2
EUA	Estrangeiro	Estrangeiro	Universidade de Loyola	2
S.R.	S.R.	S.R.	Não apresenta instituição	1
<b>Total</b>				<b>46</b>

Obs: esta tabela foi organizada considerando as ligações institucionais dos autores dos textos selecionados nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria.

As informações summarizadas, na Tabela 2, auxiliam na visualização da distribuição geográfica das instituições de vinculação dos autores dos artigos selecionados. Novamente, tomando como identidade de vinculação apenas a instituição do primeiro autor, percebe-se uma nítida predominância da região Sudeste. Dos artigos relacionados ao Brasil, notamos que a maioria das instituições se localizava na região Sudeste ( $n = 30$ ). A região Nordeste apresentou a segunda maior participação ( $n = 7$ ), seguida da região Sul ( $n = 5$ ). Em apenas um artigo o autor não apresentou vinculação institucional e, também, não foram observadas vinculações nas regiões Norte e Centro-Oeste. Esse tipo de distribuição pode estar relacionado a três aspectos. Primeiramente, ao passado da institucionalização da Medicina, no país. As duas primeiras Faculdades de Medicina foram instaladas no início do século XIX, respectivamente na Bahia (1808) e no Rio de Janeiro (1832). Em segundo lugar, à própria história da institucionalização da ciência brasileira. Houve maior concentração de instituições científicas nas regiões Sul e

Sudeste (Schwartzman, 2001), fato que produziu, ao longo do tempo, desequilíbrios regionais da produção científica, no Brasil, até a atualidade (Sidone, Haddad, & Mena-Chalco, 2016). Muito possivelmente, essa convergência de instituições tem relação com a concentração de renda oriunda das estruturas advindas, ainda, da República Velha, mas fortalecidas na Era Vargas. Embora falando sobre condições mais contemporâneas, Costa (2006) indica que

...o traço característico brasileiro de diferenças regionais não se dá apenas no plano socioeconômico, mas também no desenvolvimento científico e tecnológico. Tal acentuado desnível regional da base técnico-científica se apresenta nos mais diversos aspectos: qualificação dos recursos humanos, existência de centros de pesquisa, adequação da infra-estrutura e investimentos financeiros (p. 17).

Nesse cenário, houve predominância de vinculações a instituições localizadas em São Paulo ( $n = 24$ ), o que pode estar ligado à motivação da criação dos Arquivos de Neuro-Psiquiatria naquele estado, i.e., a revista atendia às necessidades da comunidade científica da região. Esta afirmação encontra respaldo na apresentação do periódico por seus fundadores:

a demonstração de que o clima científico em S. Paulo comporta, ou melhor, exige a existência de mais de uma publicação especializada no terreno da neuropatologia. O retardo na publicação de estudos ou sua publicação em revistas não especializadas representa inquestionavelmente grave inconveniente, cujas consequências vinham sentindo principalmente os dois serviços de clínica neurológica escolares de S. Paulo: o da Universidade e o da Escola Paulista de Medicina (Tolosa & Longo, 1943, p. 7)

Na região Nordeste ( $n = 7$ ), houve o destaque do estado da Bahia, com seis ocorrências de autoria de Nelson Pires. A participação da região Sul ( $n = 5$ ), como terceira região mais produtiva, está conectada à produção de Marcelo Blaya. Assim, diferentemente do que ocorreu na região Sudeste, na qual 19 indivíduos escreveram 30 artigos, nas regiões Nordeste e Sul ocorreu a concentração da produção em somente dois autores, Nelson Pires e Marcelo Blaya, respectivamente. Isso pode expressar mais da produtividade desses personagens e de suas redes de produção do que de uma marcante produção nordestina e sulista circulando, na revista.

No que se refere aos autores ligados às instituições estrangeiras, atentamos para os Estados Unidos da América (EUA) e a Argentina. No primeiro país, os dois nomes

estavam vinculados à Universidade Loyola (Chicago): José G. Albernaz, como bolsista e Ladislas Joseph Meduna, como professor de Neurologia. Na Argentina, relacionamos o neuropsiquiatra Eduardo Krapf, professor adjunto da Universidade de Buenos Aires (UBA). Krapf, inclusive, é reconhecido por seu papel no desenvolvimento da Psicanálise, na América Latina. Além de ter sido o primeiro presidente da Sociedade Interamericana de Psicologia (SIP), é lembrado pelo movimento psicanalítico argentino como o responsável pela introdução da Psicanálise no sistema público de saúde daquele país (Klappenbach, 2004).

Ao se analisar o padrão de coautoria por instituições a que pertencem os autores da amostra selecionada, pode-se identificar evidências de uma colaboração científica. Esse tipo de colaboração ocorre em diferentes níveis, e.g., entre duas ou mais pessoas, entre departamentos da mesma instituição e entre diferentes instituições, entre outros. Embora a estruturação de escrita, com coautoria, fosse pouco frequente, na amostra, a análise das relações ali estabelecidas sugere a existência de colaborações científicas de nível interinstitucional e intrainstitucional. Assim, da análise dos 46 artigos selecionados, observou-se a ocorrência de 13 artigos com mais de um autor. Constatamos que a maioria das coautorias ( $n= 10$ ) ocorreu em nível interno às instituições (intrainstitucional), i.e., os autores e coautores eram ligados à mesma instituição. Dentro desse padrão, verificamos que esse tipo de colaboração apareceu, de forma mais intensa, no Hospital do Juqueri ( $n=3$ ) e as demais sete ocorrências foram distribuídas entre sete instituições, a saber: FMUSP, Instituto Paulista, Instituto Raul Soares, Manicômio Judiciário do Estado de São Paulo, Sanatório Bahia, Sessão de Ortofrênia e Higiene Mental e Universidade de Loyola. Isso pode sugerir que os autores dessas instituições compartilhavam áreas de interesse correspondentes a temas em comum, dentro de uma mesma instituição (Katz & Martin, 1997).

O padrão de coautoria interinstitucional ocorreu nos três artigos restantes. Dentre elas, alguns elementos chamam a atenção. Primeiramente, um padrão regional de colaboração. Dois desses textos foram assinados por autores vinculados ao Hospital do Juqueri e ao Manicômio Judiciário do Estado de São Paulo e o terceiro, em uma colaboração entre a Faculdade de Medicina da Bahia e a Associação Baiana de Medicina. Assim, parece-nos que, mesmo saindo de um padrão de coautoria institucional, a presença de mais de uma instituição aparecia apenas em nível local. Em segundo lugar, os dois artigos oriundos de São Paulo apontam para uma certa relação dos hospitais psiquiátricos, especialmente do adoecimento mental, com o sistema criminal. Tal fato pode estar

relacionado à prevalência do conceito eugenista-higienista de profissionais médicos paulistas, que acreditavam ser necessária uma política de segregação de indesejáveis, i.e., de doentes mentais e criminosos, a qual foi realizada principalmente em São Paulo, dentro dos hospitais psiquiátricos (Assunção Jr., 2003). Essa ideia pode ser reforçada com a figura de Pacheco e Silva, médico psiquiatra que, em 1929, inaugurou a Escola Pacheco e Silva, dentro do Hospital do Juqueri, no intuito de trabalhar com pequenos psicopatas e com a regeneração de criminosos, o que parecia estar ligado a um projeto profilático social (Monarcha, 2010).

### **3.2.2 Sobre o que eles falavam?**

A análise lexical do conteúdo dos 46 artigos selecionados identificou a recorrência de 114 palavras (nomes e verbos) que foram usadas, pelo menos, três vezes. A amostra pode ser organizada, de forma gráfica, em uma nuvem de palavras (ver Figura 3). As palavras mais recorrentes, nesse conjunto de 114, aparecem maiores e mais centralizadas, enquanto que as menos recorrentes aparecem menores e de maneira mais dispersa. Observando a Figura 3, vemos que as quatro palavras mais recorrentes foram *paciente*, *caso*, *forma* e *psicose*.



Figura 3 - Nuvem de palavras elaborada a partir do conteúdo de 46 textos, selecionados nos *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* e publicados, no período de 1943 a 1962, com emprego do software Iramuteq.

Os quatro termos mais frequentes podem sugerir certo interesse temático em características do *caso* investigado, procurando definir a *forma* como ele se apresentava no *paciente*. Dentre as possibilidades diagnósticas, nota-se a *psicose* de forma saliente, o que poderia sugerir certa aproximação com discursos psicodinâmicos. Essa interpretação parece encontrar respaldo, quando se observam outras palavras presentes na Figura 3, como *conflito*, *família*, *mãe*, *ego*, entre outras. De acordo com alguns autores brasileiros do período, havia mudanças no rumo da Psiquiatria praticada no país, graças à influência de teorias e propostas psicodinâmicas, particularmente da Psicanálise (e.g., Arruda, 1968; Gerscovich, 1966). Nas palavras de Gerscovich (1966):

Quanto maiores conhecimentos de psiquiatria dinâmica tiver o clínico geral tanto melhor poderá tratar o paciente e melhor decidir sobre a conveniência de envia-lo a um especialista. Não há como negar que a psicanálise, como teoria, abriu um mundo novo dentro da medicina através da psiquiatria dinâmica. Seus conceitos e postulados têm sido aplicados com real sucesso, dentro da maioria das especialidades médicas (p. 92).

Assim, a interpretação que ora se faz dos conteúdos mais frequentes, nas fontes primárias pesquisadas, parece condizer com o contexto geral da Psiquiatria, no país.

Ainda no que se refere à análise do conteúdo dos textos, afirma-se que ele foi organizado em um dendograma (Figura 4), elaborado com base em critérios de coocorrência e proximidade da posição dessas palavras, nos textos. Ele sugere a existência de núcleo de palavras que expressavam temas gerais, com a seguinte distribuição: um núcleo central, acompanhado de dois núcleos periféricos. A análise do dendograma volta a nos sugerir os aspectos relacionados a propostas psicodinâmicas e, em grande medida, à Psicanálise.

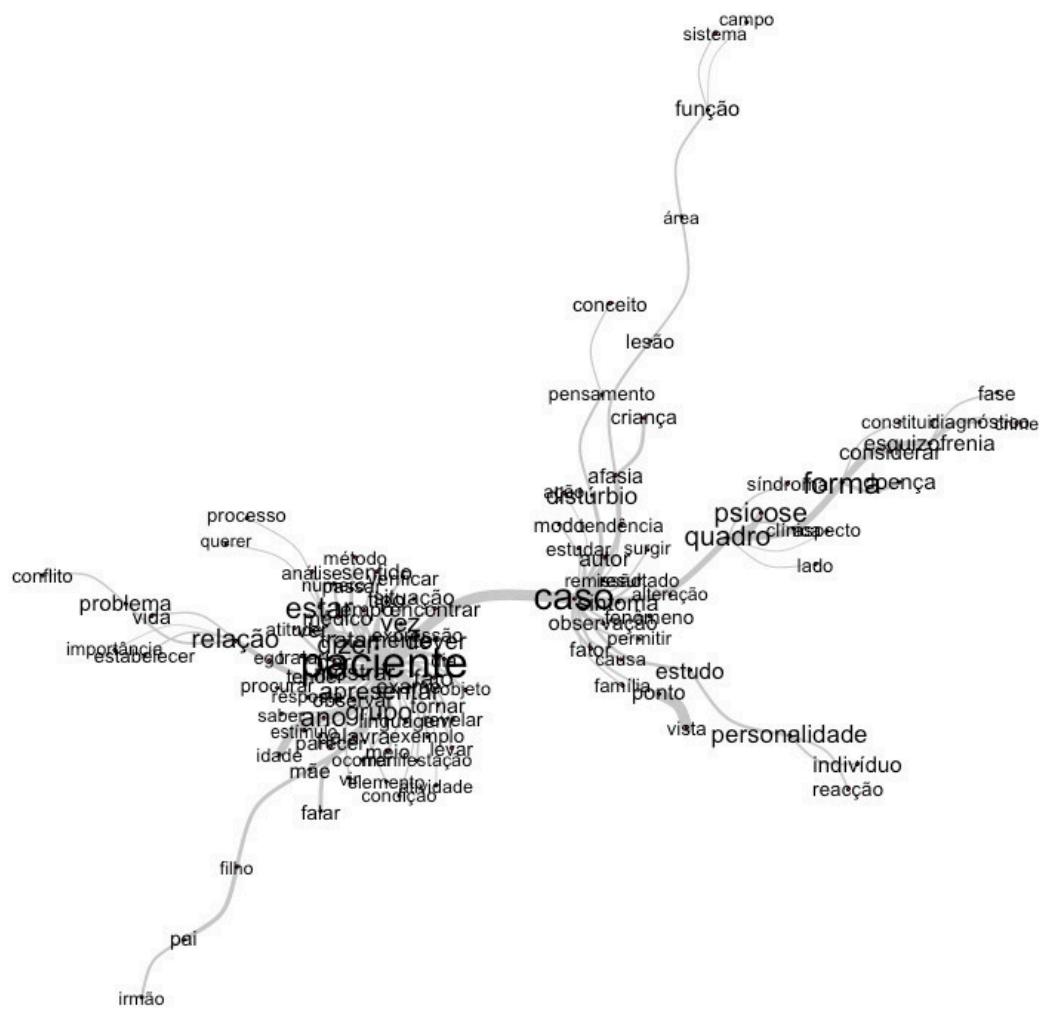


Figura 4 - Grafo de palavras, elaborado a partir do conteúdo de 46 textos, selecionados nos *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* e publicados, no período de 1943 a 1962, com emprego do software Iramuteq.



Figura 5 - Núcleo central do grafo de palavras, elaborado a partir do conteúdo de 46 textos, selecionados nos *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* e publicados, no período de 1943 a 1962, com emprego do software Iramuteq.

O núcleo central (Figura 5), assim denominado por se caracterizar como um aglomerado mais denso de palavras, encontra-se articulado ao redor da palavra *paciente*, seguida de alguns verbos – *falar* – e substantivos – *análise, processo e relação* – que permitem algumas interpretações. Primeiramente, se considerarmos como referência a interpretação feita, outrora, sobre a Psiquiatria dinâmica e sua relação com a Psicanálise, pode-se indicar que a *condição* do *paciente* era produto de um *conflito*. Por exemplo,

Em 1929, Pollmow, Petow e Wittkower apresentaram um estudo crítico de 45 casos de asma brônquica tratados psicologicamente por 18 autores diferentes; a conclusão principal estabelece que “não existem dúvidas de que a psicoterapia foi favorável em muitos casos, quando os tratamentos clínicos haviam falhado” ... Os estudos psicanalíticos permitem compreender, com relativa clareza, o modo de ação dos conflitos emocionais, nos diferentes casos de asma (Doyle, 1946, p.27)

Em uma análise dos conteúdos dos artigos, a partir de sua leitura, notamos elementos que nos auxiliam em uma interpretação de que propostas psicodinâmicas – especialmente da

Psicanálise – seriam uma contribuição aos trabalhos feitos em Psiquiatria. Isso se devia ao fato de que havia componentes psicodinâmicos nas vivências dos pacientes e, também, pelo instrumental técnico de tais propostas para cessar aqueles componentes. Krapf (1947), por exemplo:

do ponto de vista psicológico, uma operação da magnitude da simpatectomia está sempre impregnada de forte significado vivencial. Em outras palavras, parece-me insuficiente a apreciação dos êxitos cirúrgicos exclusivamente à base de dados fisiopatológicos, sem consideração dos mecanismos psicodinâmicos por força implicados (p. 251).

Outro exemplo vem do texto “Narcoanálise” (Bastos & Arruda, 1944), em que os autores destacaram o emprego da “psicanálise como meio terapêutico de eficiência indiscutível nos casos indicados” (p. 265) por psiquiatras. Todavia, não nos parece que tal compreensão da Psicanálise ocorria sem conflitos. Uchoa (1950), assevera:

estamos apenas iniciando tal labor e no início da estrada defrontamo-nos com obstáculos difíceis de transpor, infundindo desânimo e pessimismo entre fortes baluartes do movimento psicanalítico. Será essa a posição justa? Poderá a psicanálise oferecer à psiquiatria alguma coisa de positivo e eficiente no campo prático da terapêutica? Assim pensamos, mas é lógico que, em se tratando de um novo campo, com novo tipo de material, entrevê-se a necessidade de fundas modificações técnicas, sem todavia, nos ser possível abandonar os princípios básicos, graças aos quais foi possível à psiquiatria progredir tanto na compreensão e tratamento de pacientes neuróticos (p. 131)

Esta reflexão de Uchoa nos remete ao que Buchanan (2003) sinalizou ter ocorrido com a Psiquiatria estadunidense, quando das controvérsias com a Psicologia e a Psicanálise, também na década de 1950. Nas palavras desse autor:

Psiquiatras debatiam internamente sobre a discordância quanto à importância da psicoterapia e no reconhecimento legal da Psicologia Clínica. Psiquiatras que defendiam um modelo biomédico tradicional suspeitavam da “cura pela palavra” .... Todavia, psiquiatras psicodinâmicos, “progressistas”, argumentavam que deveria haver algum valor na cooperação com psicólogos, apesar de haver certas reservas (p.230, trad. nossa).

Assim, a chave-de-leitura, proposta por Buchanan (2003), auxilia-nos a ver que, apesar de haver indícios de existir influência de propostas psicodinâmicas, notadamente psicanalíticas, na área da Neuro-Psiquiatria que circulava naquele periódico, havia certas

resistências ou, ao menos, certa desconfiança quanto ao método psicanalítico. Considerando a reflexão de Uchoa, a Psicanálise teria contribuições para a Psiquiatria, mas ela precisaria de “modificações técnicas” para não levar ao “abandono” de princípios básicos que haviam permitido ao campo “progredir.”



Figura 6 - Núcleo periférico 1, do grafo de palavras elaborado a partir do conteúdo de 46 textos, selecionados nos *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* e publicados, no período de 1943 a 1962, com emprego do software Iramuteq.

Caminhar do núcleo central para os dois núcleos periféricos também sugere elementos passíveis de interpretação. O primeiro núcleo periférico (Figura 6) tem como palavra central *caso*, ladeada por palavras como *fenômeno*, *causa*, *estudar*, *sintoma* e *fator*. Essa associação de termos parece remeter à relação em que o *caso* é *estudado* a partir dos *sintomas* apresentados pelo paciente. Esse *caso* apareceria a partir de *fatores* que poderiam auxiliar na compreensão de sua casuística como *fenômeno* psi. Chama a atenção o uso do termo *fenômeno*, que poderia aparecer apenas como uma noção relacionada ao *sintoma*, mas que também se vincularia a conceitos da Fenomenologia. Nesse cenário, a Fenomenologia pode ser compreendida como uma forma de contraposição aos padrões deterministas, estabelecidos pela psiquiatria para as “doenças

mentais” (Holanda, 1998). No Brasil, o pensamento fenomenológico apareceu no início da década de 1910, porém ganhou destaque somente a partir da década de 1940, alicerçado na tese de Nilton Campos (1945), “O método fenomenológico na psicologia”. Assim, a Fenomenologia pôde progredir no campo da Psiquiatria, a partir da apropriação de seus conceitos pela psicopatologia, com o uso da “fenomenologia descritiva” dos estados psíquicos apresentados pelos pacientes (Holanda, 2012). Apesar dessa possibilidade de interpretação, nossas fontes não nos permitiram avançar em uma compreensão da presença de aspectos da Fenomenologia, na Psiquiatria em circulação nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria. Novos estudos precisariam ser realizados, a fim de se observar se a hipótese da existência de tal influência se fez válida.

O segundo núcleo periférico (Figura 7) está organizado a partir da palavra *quadro*, associada aos termos *psicose*, *aspectos*, *diagnóstico* e *clínica*. Essa associação de termos remete à noção de que o *quadro* do paciente permitiria a sua *clínica*, por um lado e, por outro, do *diagnóstico* da condição apresentada, a partir de *aspectos* que se manifestavam. Por exemplo, na fonte primária (Levy Junior, 1950), lemos

Quando, pois, em presença de uma esquizofrenia, pensar na interposição de componentes maníacos e fazer o diagnóstico de psicose mista? Devemos — como sempre, no diagnóstico diferencial — levar em conta os seguintes elementos: 1 — sintomatologia (corte transversal da psicose); 2 — de- curso (corte longitudinal da psicose); 3 — personalidade pré-mórbida; 4 — estudo heredológico. Os dois primeiros itens referem-se às manifestações mórbidas; os dois últimos fornecem os elementos de confirmação da suspeita clínica (p.68)

Fica assim ressaltada, a grande influência positiva da percepção das cores sobre a produtividade e a qualidade das respostas. Esta diferença, a nosso ver, indica um elemento de sintonização afetiva estranho à esquizofrenia, o que viria confirmar a suspeita clínica de tratar-se, no caso, de uma hebefrenia com componentes maníacos. Essa suspeita havia sido levantada pelo fato da excitação psicomotora, com inquietude, logorréia, risos e euforia, ter aspecto um tanto mais sintônico que o das verdadeiras esquizofrenias; particularmente suas risadas eram comunicativas, bastante simpáticas. Afora isso, o quadro mental era hebefrênico (p.70).



Figura 7 - Núcleo periférico 2, do grafo de palavras elaborado a partir do conteúdo de 46 textos, selecionados nos *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* e publicados, no período de 1943 a 1962, com emprego do software Iramuteq.

A análise do conteúdo de algumas das fontes utilizadas nos permite observar aspectos relacionados aos temas evidenciados pelo grafo apresentado na Figura 7. Esse conteúdo vai ao encontro da Psicologia como complementação da intervenção médica, psiquiátrica. Assimilando a evidência de interesses no diagnóstico de patologias, foi possível identificar um grupo de artigos cujos autores abordaram o emprego de testes psicológicos, como método auxiliar de diagnóstico. Nesse contexto, destacamos o emprego de testes psicológicos na identificação precoce de patologias. Por exemplo, Levy Junior sinaliza o teste de Rorschach<sup>2</sup> "... como método auxiliar de grande valor" (p. 69) para a Psiquiatria. Outro exemplo é o texto de Carvalho (1951), em que o autor, ao abordar aspectos educacionais para sujeitos com atraso no desenvolvimento intelectual, sinalizava o uso de testes como métodos de identificação preventiva a determinadas patologias (ortofrenia). Nessa seara, parece surgir uma função social da Psiquiatria e, em conjunto, de métodos psicológicos, como ferramentas do trabalho médico. Uma parte dos artigos analisados sinalizava influências higienistas-eugenistas, e.g., o uso dos métodos psicológicos – testes – permitiriam diagnósticos mais precisos e isso produziria, por sua vez, práticas segregacionistas. Fernandes e Tavares (1953), dizem:

O censo de crianças desajustadas nas escolas públicas do Recife, realizado pela Secção de Ortofrenia e Higiene Mental no ano de 1951, constitui o primeiro empreendimento desta natureza entre as atividades do Departamento de Saúde

<sup>2</sup> O teste de Rorschach (Psicodiagnóstico de Rorschach) foi eleborado pelo psiquiatra e psicanalista Hermann Rorschach (1884-1922) como um instrumento de avaliação da personalidade, através da percepção.

Pública do Estado de Pernambuco. Cumprindo sua missão de prevenir ao invés de curar, de “conservar normal a criança normal”, mas também sem esquecer a face corretiva da Higiene Mental, a Secção de Ortofrenia estudou sob aspecto médico-psicológico (p.247).

Dessa maneira, os autores indicaram a existência de uma relação entre a Medicina e a Psicologia, na face corretiva da Higiene Mental. Mais especificamente, vemos que psiquiatras empregavam os testes ora como ferramenta de diagnóstico, ora para identificar uma patologia, ora para confirmar a sua “cura.” Essa interpretação vai ao encontro de certo debate do período, qual seja: a Psicologia deveria ser um campo profissional auxiliar ao campo médico. Esse debate, inclusive, estava presente, no Brasil (Pereira, & Pereira Neto, 2003) e alhures (Buchanan, 2003; Klappenbach, 2000a).

### **3.2.3 *O que eles liam?***

A descrição e análise do que aqueles autores citavam pode nos ajudar a hipotetizar que tipo de material eles liam e, a partir daí, observar os conhecimentos psicológicos que influenciavam suas práticas. Todavia, há uma limitação na abordagem dessa informação: não era prática corriqueira, na ciência brasileira, à época, fazer citações claras e estabelecer um campo “referências” (Mota & Miranda, 2017; Nunes et al., 2013). Assim, a análise que ora se faz está vinculada às 1.028 referências, utilizadas nos 46 artigos que compõem o *corpus* documental desta investigação. Isso não nos permite generalizar as informações para o cenário da psiquiatria brasileira, à época, mas auxilia na compreensão da influência de determinados autores e teorias sobre aquele conjunto de atores sociais que circulavam nos Arquivos da Neuro-Psiquiatria. A identificação das influências permite, ainda, conhecer como ocorreu a comunicação científica entre os autores da amostra. Dessa forma, pode-se construir um mapa que revela teorias e influências recorrentes (Moravcsik & Murugesan, 1975).

A análise das referências identificou uma característica premente, que é a prática de autocitação, i.e., o autor citar a si mesmo. A autorreferenciação pode ter como causas o egocentrismo do autor, uma tentativa de estabelecimento de reconhecimento intelectual ou estabelecer ligações com trabalhos anteriores (Aksnes, 2003). Contemporaneamente, tal prática tem sido questionada, por sugerir manipulação das métricas do fator de impacto (Bartneck & Kokkelmans, 2010). Porém, tal premissa não se aplicava à produção científica daquela época, já que os indicadores ainda não estavam presentes, no Brasil, até meados da década de 1960 (Spina-França, 2002). De toda sorte, a análise dos casos

de autorreferenciação indicou que a maioria dos autores que se autorreferenciaram utilizaram trabalhos anteriores sobre o mesmo assunto. Nesse contexto, destacou-se Anibal Silveira, que apresentou o maior número de autorreferências ( $n=27$ ). Indique-se, por exemplo, que, somente no artigo “Caracterização da patologia cerebral, da psicopatologia e da heredologia psiquiátrica na doutrina de Kleist”, ele referenciou 16 trabalhos anteriores de sua autoria, sobre o pensamento de Kleist. Para além deste padrão, notamos (Tabela 3) que 27 autores foram referenciados por, pelo menos, três artigos publicados nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria. Quando visualizamos o impacto desses autores referenciados, de acordo com a frequência das citações recebidas, distinguimos a centralidade de alguns nomes. Isso se torna relevante porque se presume que um autor muito referenciado seria importante por ter influenciado muitos atores sociais (Braga et al., 2014). Analisando, percebe-se que os seis autores mais citados se tornaram referência e delimitaram determinados campos do conhecimento, e.g., Sigmund Freud, Emilio Mira y Lopes e Eugen Bleuler.

Tabela 3

*Autores mais referenciados pelos autores dos artigos selecionados nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria (1943-1962).*

(continua)

Autor Referenciado	Referenciado por	Frequência
Sigmund Freud	Bernardo Blay Neto Marcelo Blaya Maurício Levy Junior Durval Marcondes Nelson Pires Darcy de Mendonça Uchôa Spartaco Vizzotto	7
Emilio Mira y Lopez	Heitor Carrilho Tasso Ramos de Carvalho Nelson Pires Aníbal Silveira Francisco Tancredi Napoleão Teixeira	6
Aníbal Silveira	Bernardo Blay Neto José Longman Isaías H. Melsohn Aníbal Silveira Roberto Tomchinsky Spartaco Vizzotto	6

---

Eugen Bleuler	Marcelo Blaya Maurício Levy Junior Walderedo Ismael de Oliveira Francisco Tancredi Darcy de Mendonça Uchôa	5
Karl Kleist	José Longman Isaías H. Melsohn Aníbal Silveira Roberto Tomchinsky SpartacoVizzotto	5
Kurt Schneider	Maurício Levy Junior Nelson Pires Aníbal Silveira Roberto Tomchinsky SpartacoVizzotto	5
Paul Federn	Marcelo Blaya Iracy Doyle Darcy de Mendonça Uchôa Darcy de Mendonça Uchôa	4
Emil Kraepelin	Nelson Pires Aníbal Silveira Darcy de Mendonça Uchôa SpartacoVizzotto	4
Eduardo E. Krapf	Isaías H. Melsohn Nelson Pires Aníbal Silveira Darcy de Mendonça Uchôa	4
Karl Leonhard	Nelson Pires Aníbal Silveira Roberto Tomchinsky SpartacoVizzotto	4
Johannes Maagaard Nielsen	José G. Albernaz Antonio B. Lefèvre José Longman SpartacoVizzotto	4
SpartacoVizzotto	Isaías H. Melsohn Aníbal Silveira Roberto Tomchinsky SpartacoVizzotto	4
Julian Ajuriaguerra	Antonio B. Lefèvre Darcy de Mendonça Uchôa SpartacoVizzotto	3
Franz Alexander	E. Eduardo Krapf	3

---

	Durval Marcondes	
	Darcy de Mendonça Uchôa	
	Bernardo Blay Neto	
Wilfred Ruprecht Bion	Durval Marcondes	3
	David Zimmermann	
	Maurício Levy Junior	
Oswald Bumke	Nelson Pires	3
	Darcy de Mendonça Uchôa	
	Iracy Doyle	
Helen f. Dunbar	E. Eduardo Krapf	3
	Durval Marcondes	
	Napoleão Teixeira	
Henri Ey	Darcy de Mendonça Uchôa	3
	SpartacoVizzotto	
	Isaías H. Melsohn	
Frank J. Fish	Aníbal Silveira	3
	SpartacoVizzotto	
	Durval Marcondes	
Angel Garma	Francisco Tancredi	3
	Darcy de Mendonça Uchôa	
	Antonio B. Lefèvre	
Georges Heuyer	Napoleão Teixeira	3
	Darcy de Mendonça Uchôa	
	Heitor Carrilho	
Ernest Kretschmer	Nelson Pires	3
	Darcy de Mendonça Uchôa	
	Darcy de Mendonça Uchôa	
Paul Schilder	SpartacoVizzotto	3
	David Zimmermann	
	Bernardo Blay Neto	
Samuel Slavson	Darcy de Mendonça Uchôa	3
	David Zimmermann	
	José G. Albernaz	
Theodore Weisenburg	Antonio B. Lefèvre	3
	SpartacoVizzotto	
	Iracy Doyle	
Edoardo Weiss	Eduardo Krapf	3
	Durval Marcondes	
	José G. Albernaz	
Carl Wernicke	Antonio B. Lefèvre	3
	Aníbal Silveira	

Nota: Não foram relacionados 35 autores de referências, que foram citados 2 vezes e 454 autores de referências, que foram citados somente uma vez. Para este estudo, foi considerado apenas o vínculo autor-autor referenciado.

Além de uma análise dos autores e obras mais citados, podemos observar o estabelecimento de vínculos entre os atores que publicaram os 46 artigos componentes de nossa amostra. Esse vínculo não necessariamente apareceria na colaboração científica, como analisamos anteriormente, mas poderia aparecer pela proximidade havida entre dois atores, a partir de autores e obras que citavam. Essa proximidade pode ser compreendida como uma rede social (Egghe & Rousseau, 1990; Moravcsik & Murugesan, 1975), i.e., uma rede de relacionamentos e de conexões entre atores sociais. No mapeamento da rede de autores-autores referenciados, foram encontradas quatro comunidades que, no grafo representado na Figura 8, aparecem com as cores roxo, azul, verde-claro e laranja. Essas comunidades estão conectadas por referências em comum. No mesmo grafo, vemos outras duas comunidades – em rosa e verde-escuro – que se encontram isoladas das demais, por não possuírem conexões autor-autor de referência compartilhadas com autores das demais comunidades.

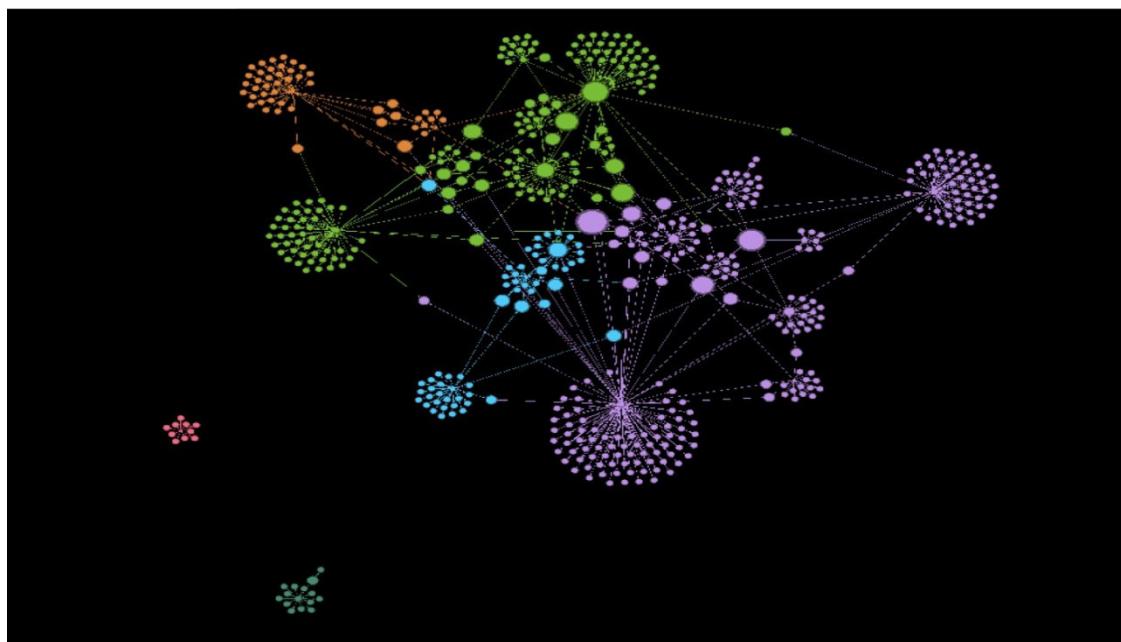


Figura 8 - Grafo de redes autor-autor de referência bibliográfica, elaborado a partir do conteúdo de 46 textos, selecionados nos *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* e publicados, no período de 1943 a 1962, com emprego do software Gephi.

Podemos nos aproximar do grafo, de maneira a observar alguns elementos de forma mais pormenorizada. Inicialmente, considerando a comunidade identificada pela cor laranja, ela é formada somente por dois autores, a saber: Bernardo Blay Neto e David Zimmerman. Eles apresentaram, como referenciais comuns, textos escritos pelos

seguintes autores: Alcyon Baer Bahia, Jacob Klapmann, Louis Wender, Nathan W. Ackerman, Samuel Richard Slavson, Siegmund Heinrich Foulkes e Wilfred Ruprecht Bion. A maior parte dos trabalhos citados por Blay Neto e David Zimmerman relacionava-se à psicoterapia, merecendo destaque o uso de referências de pioneiros das técnicas de terapia de grupo, tais como: Wender, Bion, Foulkes e Slavson. Isso, provavelmente, demonstra uma ligação com o movimento de expansão teórica da terapia de grupo, ocorrido nos Estados Unidos da América (EUA) e na Europa, nas décadas de 1950 e 1960 (Bechelli & Santos, 2004) e que, no Brasil, estava ligado às teorias humanistas que influenciaram a Psicologia e que foram importantes na divulgação das técnicas de terapia de grupo, no país (Gomes, Holanda & Gauer, 2004). Todavia, é curioso observar que os autores citados por Blay Neto e Zimmerman operavam com conceitos psicodinâmicos e, particularmente, psicanalíticos. Assim, novamente, voltamos a encontrar um filtro teórico pelo qual os conhecimentos e as práticas psicológicas passavam, quando de sua apropriação por aqueles médicos. Esta prevalência por concepções psicodinâmicas também apareceu em outra parte da rede, qual seja, aquela sinalizada pela cor azul e composta por Iracy Doyle, Eduardo Krapf e Durval Marcondes. As referências de seus textos transitaram por estudos da influência das emoções sobre doenças como a asma e a hipertensão e, entre os referenciais mais comuns, identificamos figuras importantes da Psicossomática, como Helen F. Dunbar e Edoardo Weiss. O interesse no tema psicossomático teria ocorrido a partir da década de 1940, com um dos focos no estado de São Paulo, de acordo com a literatura (De Marco, 2003). Essa informação é coerente com o relato efetuado pela organização da Medicina psicossomática, no Brasil.

A influência psicodinâmica, com contornos psicanalíticos, fica ainda mais saliente quando observamos as referências que conectam os atores, identificados no grafo da Figura 9 pela cor roxa. Essa rede é composta pelos seguintes atores: Fernando de Oliveira Bastos, Marcelo Blaya, Heitor Carrilho, Tasso Ramos de Carvalho, Maurício Levy Junior, Walderedo Ismael de Oliveira, Nelson Pires, Francisco Tancredi, Napoleão Teixeira e Darcy de Mendonça Uchôa. As temáticas de interesse que advêm das referências citadas nos sugerem narcoanálise, psicoterapia, psicanálise, psiquiatria clínica, testes mentais e tratamento da esquizofrenia. Se observarmos a Figura 9, reconheceremos que os pontos de conexão mais consistentes no grupo são as citações a textos de Sigmund Freud – conectando Marcelo Blaya, Maurício Levy Junior, Nelson Pires e Darcy de Mendonça Uchôa – e Eugene Bleuler – ligando Marcelo Blaya, Maurício

Levy Junior, Darcy de Mendonça Uchôa, Francisco Tancredi e Walderedo Ismael de Oliveira. Todavia, chama a nossa atenção a centralidade ocupada por Emilio Mira y Lopez, autor que conectava Heitor Carrilho, Tasso Ramos de Carvalho, Nelson Pires, Francisco Tancredi e Napoleão Teixeira. Essa característica, embora nos remeta à influência que Mira y Lopez tinha na Psicologia Aplicada brasileira, à época (Jacó-Vilela & Rodrigues, 2014), ainda é curiosa. Isso se deve ao fato, sobretudo, de a produção do referido autor não ir ao encontro dos referenciais psicodinâmicos dos demais autores centrais, para aquela comunidade. Novos estudos, inclusive, poderiam ser produzidos de forma a compreender a influência de Mira y Lopez em parte da Psiquiatria brasileira, no período.

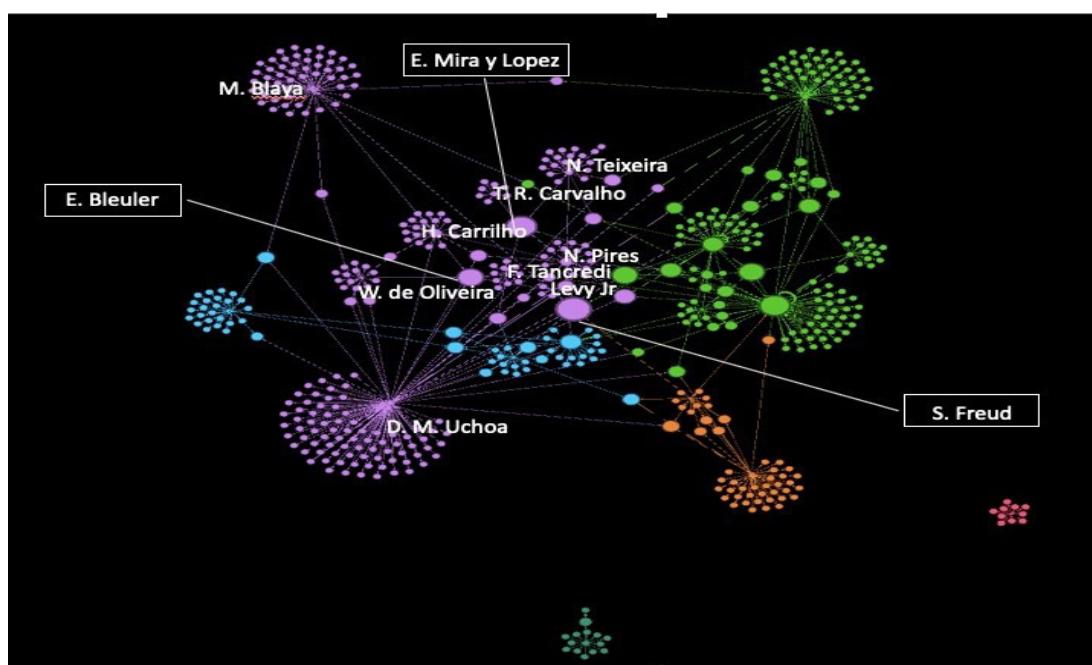


Figura 9 – Conexão autor-autor de referência bibliográfica de comunidade, elaborada a partir do conteúdo de 46 textos, selecionados nos *Arquivos de Neuro-Psiquiatria* e publicados, no período de 1943 a 1962.

A presença de autores, com referências pouco ligadas à psicodinâmica, também se fez presente em outra rede de atores, identificada pela cor verde-claro, no grafo da Figura 9. Essa rede, composta pelos autores José G. Albernaz, Antonio B. Lefèvre, José Longman, Isaías H. Melsohn, Aníbal Silveira, Roberto Tomchinsky e Spartaco Vizzotto, tem como características comuns o uso de referências que abordavam as causas de algumas patologias, tais como a afasia, a esquizofrenia e outras psicoses degenerativas.

Merece destaque, ainda, a conectividade encontrada entre os autores, quando citaram uns aos outros, nas referências utilizadas por eles, i. e., a citação de textos de Aníbal Silveira por José Longman, Isaías H. Melsohn, Roberto Tomchinsky e Spartaco Vizzotto; trabalhos de K. Kleist referenciados por Isaías H. Melsohn, Aníbal Silveira, Roberto Tomchinsky, Spartaco Vizzotto e José Longman; textos de Spartaco Vizzotto citados por Isaías H. Melsohn, Aníbal Silveira, Roberto Tomchinsky e a referência dos escritos de J. M. Nielsen por José Longman, Spartaco Vizzoto, José G. Albernaz e Antonio B. Lefèvre. Assim, verificaram-se indícios da existência de um relacionamento intelectual consistente entre Isaías H. Melsohn, Aníbal Silveira, Roberto Tomchinsky, Spartaco Vizzotto e José Longman, com uma transição de idéias, dentro do grupo, provavelmente assinalando a existência de uma rede intelectual de relacionamento.

A falta de conectividade da comunidade formada por Ladislas J. Meduna e Gonçalves Fernandes (Figura 9 – cor verde-escuro) pode ser explicada pela utilização de referências que abordavam estudos alusivos a conceitos fisiopatológicos, afastando-se dos interesses dos autores das outras comunidades. Fenômeno semelhante foi encontrado na comunidade formada por Jarbas M. Portela (Figura 9 – cor rosa), cuja produção baseou-se em temas muito específicos, que não encontraram eco na produção de outros autores da amostra. As referências usadas por Jarbas M. Portela reportam-se ao uso de neurolépticos, no tratamento de doenças mentais, por psiquiatras. Em suma, era um autor cujos referenciais teóricos diferiam dos demais.

### **3.3 Considerações finais**

Este artigo objetivou compreender conhecimentos e práticas psicológicas produzidas pela comunidade médica, em um período anterior às primeiras discussões sistematizadas sobre a regulamentação da profissão e a formação do psicólogo, até a sua efetivação, no país. As fontes analisadas, nesta pesquisa, mostraram uma predominância do gênero masculino, em detrimento do gênero feminino, o que era uma característica da realidade social da época, no meio científico brasileiro. Notamos, também, que se evidenciou, entre esses autores, nas primeiras décadas do século XX, um padrão de autoria singular. No entanto, houve um aumento gradativo de produções em coautoria, relacionado ao processo de institucionalização da produção científica, no país, ao longo do tempo.

Dentro do padrão de coautoria, identificou-se que os autores estavam vinculados à mesma instituição, o que pode indicar a existência de um colégio invisível. Percebemos, ainda, que a maior parte dos autores estava conectada a instituições brasileiras, ao mesmo tempo que apenas três autores atrelavam-se a instituições estrangeiras. Ao analisar a localização geográfica das instituições nacionais, verificou-se um predomínio das regiões Sudeste, seguida das regiões Nordeste e Sul, o que pode estar relacionado ao desenvolvimento da institucionalização da Medicina, no Brasil, uma vez que as primeiras instituições médicas surgiram no Nordeste e no Sudeste brasileiros, como, também, a própria institucionalização da ciência. Além dessas razões, a predominância de São Paulo pode estar, especificamente, associada ao motivo da criação do periódico, i.e., a necessidade de um veículo científico para a divulgação da produção da FMUSP e da EPM.

Ao identificarmos os temas mais recorrentes entre os autores, notamos a existência de um interesse amplo sobre a forma como determinados distúrbios se apresentavam nos pacientes. Essa abordagem demonstrou a ocorrência de uma aproximação com estudos psicodinâmicos relacionados à Psicanálise, o mesmo acontecendo ao analisarmos os conteúdos referentes às fontes. Outro ponto de destaque foi o interesse recorrente dos autores por estudos de casos, nos quais foram abordados, de maneira repetitiva, temas que remetiam a fenômenos *psi*. Por fim, também foram identificados temas nos quais o uso de ferramentas psicológicas destinava-se a auxiliar a sua prática médica. Os testes psicológicos eram utilizados na complementação do diagnóstico de certas patologias.

No estudo das citações, identificamos que alguns autores recorreram, frequentemente, à autocitação relacionada a trabalhos anteriores sobre o mesmo assunto. Dos autores mais citados, nas referências, destacam-se Sigmund Freud, Emílio Mira y Lopes, Aníbal Silveira, Eugen Bleuer, Karl Kleist e Kurt Schneider, indicando uma busca de fundamentos nas teorias psicodinâmicas e organicistas. Prosseguindo no estudo, a análise de vínculos dos atores sociais da amostra revelou a ocorrência de comunidades, cujas relações se basearam na proximidade dos autores citantes, bem como dos autores das obras citadas. Dessa forma, encontraram-se quatro comunidades conectadas por referências comuns e duas comunidades isoladas. Das comunidades conectadas, uma delas (cor laranja – Figura 8) tinha, como interesse, trabalhos sobre técnicas psicoterápicas, especificamente a terapia de grupo e conceitos psicodinâmicos, além de, particularmente, conceitos psicanalíticos. Os interesses mencionados também foram

replicados entre as influências da comunidade de cor roxa (Figura 8). Já a comunidade azul (Figura 8) apresentou, de maneira mais evidente, referenciais vinculados ao campo da psicossomática, abordando, em seus artigos, patologias orgânicas como a asma e a hipertensão e a influência das emoções sobre o intercurso dessas patologias. Assim, a atuação psicodinâmica, com base psicanalítica, também foi evidenciada. Por fim, foram encontradas, na quarta comunidade (cor verde-claro – Figura 8), influências pouco relacionadas às teorias psicodinâmicas. Destacou-se, porém, a existência de um relacionamento intelectual consistente entre os autores, devido a uma transição de ideias.

Finalmente, necessita-se destacar algumas limitações metodológicas deste trabalho, como a utilização de um único periódico médico brasileiro e dentro de um recorte temporal de duas décadas. Desta maneira, a pesquisa não pode ser utilizada para a compreensão do cenário médico ou do cenário da Neuro-Psiquiatria brasileiros, no período estudado. Também ressalta-se que os critérios de seleção das fontes primárias, nesta pesquisa, podem ter conduzido a uma não inclusão de materiais que permitiriam uma compreensão, dentro do coletivo médico, de práticas e conhecimentos psicológicos.

### **3.4 Referências**

- Aksnes, D. W. (2003). A macro study of self-citation. *Scientometrics*, 56(2), 235-246. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Dag\\_Aksnes/publication/226279627\\_A\\_macro\\_study\\_of\\_self-citation/links/5452427a0cf2bf864cbb3649.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Dag_Aksnes/publication/226279627_A_macro_study_of_self-citation/links/5452427a0cf2bf864cbb3649.pdf)
- Antunes, M. A. M. (2004). A psicologia no Brasil no século XX: desenvolvimento científico e profissional. *História da Psicologia no Brasil: novos estudos*, 109-152.
- Arruda, E. (1968). Estado atual da promoção e defesa da saúde mental. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 20(2), 35-43.
- Assumpção Jr, F. B. (2003). A ideologia na obra de Antonio Carlos Pacheco e Silva. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, 6(4), 39-53.
- Ban, T. A. (2001). Pharmacotherapy of mental illness-a historical analysis. *Progress in Neuro-Psychopharmacology and Biological Psychiatry*, 25(4), 709-727.
- Baptista, M. T. D. (2010). A regulamentação da profissão Psicologia: documentos que explicitam o processo histórico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(spe), 170-191. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000500008>

- Bardin, L. (2009). Análise de conteúdo (Edição revista e actualizada). *Lisboa: Edições, 70.*
- Bartneck, C. & Kokkelmans, S. (2010). Detecting h-index manipulation through self-citation analysis. *Scientometrics, 87*(1), 85-98. <https://akademiai.com/doi/abs/10.1007/s11192-010-0306-5>
- Bechelli, L. P. D. C. & Santos, M. A. (2004). Group psychotherapy: how it emerged and evolved. *Revista Latino-Americana de Enfermagem, 12*(2), 242-249. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Manoel\\_Santos/publication/26367025\\_Psicoterapia\\_de\\_grupo\\_como\\_surgiu\\_e\\_evoluiu/links/550f60250cf21287416b165e.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Manoel_Santos/publication/26367025_Psicoterapia_de_grupo_como_surgiu_e_evoluiu/links/550f60250cf21287416b165e.pdf)
- Braga, P. F., DE Barros Pereira, H. B. & Gonçalves, M. A. M. S. (2014). Difusão do conhecimento sob a perspectiva da teoria de redes: Mapeamento da produção científica a partir de uma base de periódicos da Física. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento, 4*, 148-160. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/18068>
- Brožek, J. (1972/1991). Quantifying history of psychology: Bibliometry alla valenciana.. *Revista de Historia de la Psicología.*
- Buchanan, R. D. (2003). Legislative warriors: American psychiatrists, psychologists, and competing claims over psychotherapy in the 1950s. *Journal of the History of the Behavioral Sciences, 39*, 225-249.
- Cabral, A. D. C. M. (1953). Problemas da formação de psicólogos. *Boletim de Psicologia, 5*(6), 18-20.
- Castro, A. D. C., & Alcântara, E. D. S. D. (2011). Associação Brasileira de Psicologia Aplicada (Abrapa). *Dicionário histórico de instituições de psicologia no Brasil.* Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/946/94623639004/>
- Costa, A. L. F. (2006). *Publicação e avaliação de periódicos científicos: paradoxos da classificação Qualis em Psicologia.* Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN.
- De Marco, M. A. (2003). *A face humana da medicina: do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial.* Casa do Psicólogo. p. 57

De Solla Price, D. J. & Beaver, D. (1966). Collaboration in an invisible college. *American psychologist*, 21(11), 1011.

Egghe, L. & Rousseau, R. (1990). *Introduction to informetrics: Quantitative methods in library, documentation and information science*. Elsevier Science Publishers.

Ferreira, L. O., Azevedo, N., Guedes, M. & Cortes, B. (2008). Institucionalização das ciências, sistema de gênero e produção científica no Brasil (1939-1969).

Gerscovich, J. (1966). Psiquiatria dinâmica e saúde mental. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 18(2), 87-94.

Gomes, W., Holanda, A. & Gauer, G. (2004). Primórdios da psicologia humanista no Brasil. *História da psicologia no Brasil do Século XX*, 87-104. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Adriano\\_Holanda2/publication/265165130\\_Primordios\\_da\\_psicologia\\_humanista\\_no\\_Brasil/links/5af1a214458515c28375b2ca/Primordios-da-psicologia-humanista-no-Brasil.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Adriano_Holanda2/publication/265165130_Primordios_da_psicologia_humanista_no_Brasil/links/5af1a214458515c28375b2ca/Primordios-da-psicologia-humanista-no-Brasil.pdf)

Green, C. D. (2016). A digital future for the history of psychology?. *History of psychology*, 19(3), 209. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/index.cfm?fa=buy.optionToBuy&id=2016-35747-003>>. Acesso em: 05/03/2017.

Holanda, A. F. (1998). Saúde e doença em gestalt-terapia: aspectos filosóficos. *Estudos de psicologia*, 15(2), 29-44.

Holanda, A. F. (2012). O método fenomenológico em psicologia: uma leitura de Nilton Campos. *Estudos e Pesquisas em psicologia*, 12(3), 833-851.

Jacó-Vilela, A. M., & Rodrigues, I. T. (2014). Emilio Mira y López: uma ciência para além da academia. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(3).

Katz, J. S. & Martin, B. R. (1997). What is research collaboration? *Research policy*, 26(1), 1-18. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S004873396009171>

Klappenbach, H. (2000a). El título profesional de psicólogo en Argentina. Antecedentes históricos y situación actual. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 32(3), 419-446.

Klappenbach, H. (2000b). El psicoanálisis en los debates sobre el rol del psicólogo. *Revista Universitaria de Psicoanálisis (Universidad de Buenos Aires)*, 2, 191-227.

Klappenbach, H. (2004). Eduardo Krapf (1901-1963): primer presidente de la Sociedad Interamericana de Psicología. *Interamerican Journal of Psychology*, 38(2). Disponible em: <http://www.redalyc.org/pdf/284/28438223.pdf>

Klappenbach, H. A. (2009). Estudio bibliométrico de la Revista de Psicología de la Universidad Nacional de La Plata. *Revista de Psicología-Segunda época*, 10.

Le Coadic, Y. F. (1996). *A ciência da informação*. Briquet de lemos Livros.

Leta, J. (2003). As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, 17(49), 271-284. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300016>

Luchese, T. A. (2014). Modos de fazer História da Educação: Pensando a operação historiográfica em temas regionais. *História da Educação*, 18, 145-161.

Machado, M. H. (1997). *Os médicos no Brasil: um retrato da realidade*. SciELO-Editora FIOCRUZ.

Meadows, A. J., & de Lemos, A. A. B. (1999). *A comunicação científica*. Briquet de Lemos/livros.

Minayo, M. C. D. S. (2000). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000. *Saúde em debate*, 46.

Monarcha, C. (2010). Escola "Pacheco e Silva" anexada ao Hospital de Juqueri (1929-1940). *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 30(1), 7-20. Recuperado em 19 de março de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2010000100002&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2010000100002&lng=pt&tlang=pt).

Moravcsik, M. J. & Murugesan, P. (1975). Some results on the function and quality of citations. *Social studies of science*, 5(1), 86-92. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/284557?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/284557?seq=1#page_scan_tab_contents)

Mota, A. M. G. F., Castro, E. A. & Miranda, R. L. (2016). “Problemas de ajustamento” e “saúde mental”: controvérsias em torno de um objeto psicológico. In: Almeida, L. P. (org). *Políticas públicas, cultura e produções sociais* (p. 51-69). Campo Grande, UCDB.

Mota, A. M. G. F.; & Miranda, R. L. (2017). Desvelando estilos de pensamento – ‘Diagnósticos’ nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica (1949 – 1968). In: Duarte, A. O. S. A.; Cassemiro, M. F. P.; Campos, R. H. F. (orgs). *Psicologia, educação e o debate ambiental: Questões históricas e contemporâneas* (p. 277-288). Belo Horizonte, CDPAH.

Nunes, M. A. S. N., Cazella, S. C., Pires, E. A. & Russo, S. L. (2013). Discussões sobre produção acadêmico-científica & produção tecnológica: mudando paradigmas. *Revista GEINTEC-Gestão, Inovação e Tecnologias*, 3(2), 205-220.

Pereira, Pereira Neto (2003). O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. *Psicologia em estudo*. Maringá, 8 (2), pp. 19-27. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a02](http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a02)

Rago, E. J. (2000). A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX. *cadernos pagu*, (15), 199-225.

Ratinaud, P. (2009). IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]. Recuperado de <http://www.iramuteq.org>.

Rosa, A., Huertas, J. A. & Blanco, F. (1996). Una concepción de la Historia da la Psicología. In: *Metodología para la Historia da la Psicología*. Madrid, Alianza Editorial, p.19-38

Rudá, Coutinho & Almeida Filho (2015). Formação em psicologia no Brasil: o período do currículo mínimo (1962-2004). *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 29, 59-85.

Schneider, E. (1949). Monografias Psicológicas, nº 4, do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, p. 61. In: Cabral, A. C. M. (1953). *Problemas da formação do psicólogo*. Boletim de Psicologia, 5/6 (18/20): 64-68.

Schwartzman, S. (2001). *Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil* (Vol. 1). Simon Schwartzman.

Sidone, O. J. G., Haddad, Amaral, E. & Mena-Chalco, J. P. (2016). A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. *Transinformação*, 28(1), 15-32. <https://dx.doi.org/10.1590/2318-08892016002800002>

Spina-França (2002). Os sessenta anos de Arquivos de Neuro-psiquiatria. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 60(4): 1061-1062. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X2002000600041>

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Nesta pesquisa, partimos da ideia de que havia certos coletivos e estilos de pensamento (Fleck, 1979) entre os autores que publicaram, no periódico. No primeiro estudo (capítulo 2), encontramos certos coletivos identificados a partir das relações intelectuais entre os autores com aqueles das referências utilizadas por eles, diretamente vinculados à Psicanálise. Todavia, o recorte escolhido para o primeiro não permitiu a obtenção de dados que corroborassem essa idéia. Contudo, a ampliação do estudo inicial e a posterior análise de conteúdo das fontes, no segundo estudo ( capítulo 2), permitiram detectar a existência de uma forte ligação intelectual entre os autores, configurando coletivos e estilos de pensamento, dentro dos Arquivos de Neuro-Psiquiatria.

Assim, ao final, esta pesquisa apontou para elementos fundamentais que responderam as três perguntas que a direcionaram: Quem eram aqueles atores que circulavam, no campo da psiquiatria? Sobre o que eles falavam? O que eles liam? A pesquisa mostrou o predomínio do gênero masculino, refletindo uma realidade social da época, quanto ao acesso restrito do gênero feminino ao meio científico, no Brasil. A investigação também demonstrou uma mudança nos padrões de autoria, inicialmente com autores produzindo individualmente e, gradativamente, passando a produções em coautoria, indicando uma institucionalização científica, no país, vinculada às instituições às quais pertenciam os autores. Isso se tornou visível com a pouca participação de autores ligados a instituições estrangeiras. Quanto à localização geográfica das instituições, a pesquisa apontou o predomínio das regiões Sudeste e Nordeste, podendo se justificar o fato por essas regiões terem recebido as primeiras instituições medicas e, assim, terem contribuído para a institucionalização da ciência. A predominância de São Paulo é um exemplo dessa institucionalização, uma vez que, neste estado, foi criado o periódico Arquivos de Neuro-Psiquiatria, como um veículo científico para divulgar a produção de duas importantes faculdades de medicina, a FMUSP e a EPM.

Foi possível identificar, também, o interesse por estudos psicodinâmicos relacionados à Psicanálise; o interesse dos autores em estudos de casos de patologias que, até então, não apresentavam uma etiologia ou terapêutica adequada ao caso, mas que eram vistas pelo viés da fenomenologia e, por fim, os testes psicológicos como ferramentas auxiliares ao diagnóstico de determinados quadros, patologias ou comportamentos. No estudo das citações, a pesquisa revelou que a autocitação estava presente em alguns autores. Em relação aos autores mais citados nas referências - Sigmund Freud, Emílio Mira y Lopes, Aníbal Silveira, Eugen Bleuer, Karl Kleist e Kurt Schneider -, percebe-se

uma mescla de autores cujos fundamentos se baseavam em teorias psicodinâmicas e/ou organicistas. A pesquisa revelou, ainda, a formação de seis comunidades em torno dos autores que escreveram, no período, e das referências utilizadas por eles. Quatro delas estavam conectadas por referências comuns e duas se apresentavam isoladas das demais. Entre as que estavam conectadas, houve um interesse por técnicas psicoterápicas - especificamente a terapia de grupo - e conceitos psicodinâmicos relacionados a conceitos psicanalíticos e, por fim, a psicossomática de base psicanalítica.

Assim, pode-se dizer que os achados desta pesquisa mostraram o uso de teorias, métodos e técnicas psicoterápicas diretamente ligadas à Psicanálise, entre os autores que publicaram nos Arquivos de Neuro-Psiquiatria, entre as décadas de 1943 a 1962. Essa vinculação à Psicanálise, na circulação de práticas e conhecimentos psicológicos entre os autores, apontou que os embates para a profissionalização da Psicologia podem ter sido um ponto de debate entre os médicos psicanalistas (clínicos) e as pessoas que produziram intervenções clínicas, em Psicologia.

Por fim, necessita-se destacar algumas limitações metodológicas deste trabalho, como a utilização de um único periódico médico brasileiro, dentro de um recorte temporal de duas décadas. Desta maneira, a pesquisa não pode ser utilizada para a compreensão do cenário médico ou da Neuro-Psiquiatria brasileiros, no período estudado. Também se ressalta que os critérios de seleção das fontes primárias, nesta pesquisa, podem ter conduzido a uma não inclusão de materiais que permitiriam uma compreensão mais acurada de como circulavam as práticas e os conhecimentos psicológicos, dentro do coletivo médico, i.e., estava presente a utilização de teorias, métodos e técnicas psicológicas ao entendimento e à terapêutica de diferentes quadros patológicos, porém nem sempre se relacionavam ao adoecimento mental. Assim sendo, outros estudos precisam ser elaborados, a fim de observar, com mais detalhes, a relação entre Psicologia, Psicanálise e Psicologia Clínica e, com isso, contribuir com elementos que clarifiquem os aspectos dos debates entre a Medicina e a Psicologia, durante o período de trâmite da Lei 4.119.

## **5. BIBLIOGRAFIA**

---

## 5.1 Referências

- Aksnes, D. W. (2003). A macro study of self-citation. *Scientometrics*, 56(2), 235-246. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Dag\\_Aksnes/publication/226279627\\_A\\_macro\\_study\\_of\\_self-citation/links/5452427a0cf2bf864cbb3649.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Dag_Aksnes/publication/226279627_A_macro_study_of_self-citation/links/5452427a0cf2bf864cbb3649.pdf)
- Àlvarez Martínez, J. M. & Esteban Arnáiz, R. (1999). Entrevista con Rafael Huertas. *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría.*, 19(72), 655-668.
- Antunes, M. A. M. (2002). Psicologia e educação em periódicos brasileiros anteriores a 1962. *Psicologia Escolar e Educacional*, 6(2), 193-200. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572002000200012>
- Antunes, M. A. M. (2012). Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 32(spe):44-65. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500005>
- Antunes, M. A. M. (2014). *A Psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo, EDUC.
- Arruda, E. (1968). Estado atual da promoção e defesa da saúde mental. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 20(2), 35-43.
- Baptista, M. T. D. S. (2010). A regulamentação da profissão Psicologia: documentos que explicitam o processo histórico. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 30(spe):170-191. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000500008>
- Bardin, L. (2009). Análise de conteúdo (Edição revista e actualizada). *Lisboa: Edições*, 70.
- Bartneck, C. & Kokkelmans, S. (2010). Detecting h-index manipulation through self-citation analysis. *Scientometrics*, 87(1), 85-98. <https://akademiai.com/doi/abs/10.1007/s11192-010-0306-5>
- Bechelli, L. P. D. C. & Santos, M. A. (2004). Group psychotherapy: how it emerged and evolved. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 12(2), 242-249. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Manoel\\_Santos/publication/26367025\\_Psicoterapia\\_de\\_grupo\\_como\\_surgiu\\_e\\_evoluiu/links/550f60250cf21287416b165e.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Manoel_Santos/publication/26367025_Psicoterapia_de_grupo_como_surgiu_e_evoluiu/links/550f60250cf21287416b165e.pdf)

Braga, P. F., De Barros Pereira, H. B. & Gonçalves, M. A. M. S. (2014). Difusão do conhecimento sob a perspectiva da teoria de redes: Mapeamento da produção científica a partir de uma base de periódicos da Física. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, 4, 148-160. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/18068>

Brožek, J. (1972/1991). Quantifying history of psychology: Bibliometry alla valenciana.. *Revista de Historia de la Psicología*.

Brozek, J. (1980). "Quantitative approach: Wundt in America". In: BROŽEK, J.; PONGRATZ, J.L., (org.), *Historiography of Modern Psychology*, Toronto, Hogrefe, pp. 290-301.

Buchanan, R. D. (2003). Legislative warriors: American psychiatrists, psychologists, and competing claims over psychotherapy in the 1950s. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 39, 225-249.

Carvalho, C.; Matias, C. & Marcondes, S. (2017). A divulgação da psiquiatria brasileira na imprensa (1930–1940). *Journal of Science Communication*, 16(3):1-13.

Castro, A. D. C., & Alcântara, E. D. S. D. (2011). Associação Brasileira de Psicologia Aplicada (Abrapa). *Dicionário histórico de instituições de psicologia no Brasil*. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/946/94623639004/>

Costa, A. L. F. (2006). *Publicação e avaliação de periódicos científicos: paradoxos da classificação Qualis em Psicologia*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN.

De Marco, M. A. (2003). *A face humana da medicina: do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial*. Casa do Psicólogo. p. 57

De Solla price, D. J. & Beaver, D. (1966). Collaboration in an invisible college. *American psychologist*, 21(11), 1011.

Dr. Enjolras Vampré. (18 maio, 1938). Correio Paulistano, p.3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=090972\\_08&pagfis=24090&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=090972_08&pagfis=24090&url=http://memoria.bn.br/docreader#). Acesso em: 17/06/2018.

Egghe, L. & Rousseau, R. (1990). *Introduction to informetrics: Quantitative methods in library, documentation and information science*. Elsevier Science Publishers.

Facchinetti, C. & Muñoz, P. F. N. (2013). Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 20(1):239-262. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702013000100013>

Fausto, B. (2015). *História concisa do Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

Fleck , L. (1979). *Genese and development of a scientific fact*. Chicago, The University of Chicago press. (Obra original publicada em 1935)

Fleck, L. (2010). *Gênese e desenvolvimento de um fato Científico*. Belo Horizonte, Fabrefactum. (Tradução do original em língua alemã)

Ferrari, F. J. (2015). Historia cultural de la psiquiatría en Córdoba, Argentina: recepción y decadencia de la neurastenia, 1894-1936. *Trashumante. Revista Americana de Historia Social*, (5), 288-309.

Ferreira, L. O., Azevedo, N., Guedes, M. & Cortes, B. (2008). Institucionalização das ciências, sistema de gênero e produção científica no Brasil (1939-1969).

Gerscovich, J. (1966). Psiquiatria dinâmica e saúde mental. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 18(2), 87-94.

Golcman, A. (2015). El diagnóstico de la demencia precoz y la esquizofrenia en Argentina, 1920-1940. *Trashumante. Revista Americana de Historia Social*, (5), 150-172.

Gomes, W., Holanda, A. & Gauer, G. (2004). Primórdios da psicologia humanista no Brasil. *História da psicologia no Brasil do Século XX*, 87-104. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Adriano\\_Holanda2/publication/265165130\\_Primordios\\_da\\_psicologia\\_humanista\\_no\\_Brasil/links/5af1a214458515c28375b2ca/Primordios-da-psicologia-humanista-no-Brasil.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Adriano_Holanda2/publication/265165130_Primordios_da_psicologia_humanista_no_Brasil/links/5af1a214458515c28375b2ca/Primordios-da-psicologia-humanista-no-Brasil.pdf)

Green, C. D. (2016). A digital future for the history of psychology?. *History of psychology*, 19(3), 209. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/index.cfm?fa=buy.optionToBuy&id=2016-35747-003>>. Acesso em: 05/03/2017.

Holanda, A. F. (1998). Saúde e doença em gestalt-terapia: aspectos filosóficos. *Estudos de psicologia, 15*(2), 29-44.

Holanda, A. F. (2012). O método fenomenológico em psicologia: uma leitura de Nilton Campos. *Estudos e Pesquisas em psicologia, 12*(3), 833-851.

Jacó-Vilela, A. M. (org). (2011). *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro, Imago.

Jacó-Vilela, A. M. (2012). História da Psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino. *Psicologia: Ciência e Profissão 32*(spe):28-43. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500004>

Jacó-Vilela, A. M., & Rodrigues, I. T. (2014). Emilio Mira y López: uma ciência para além da academia. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 66*(3).

Katz, J. S. & Martin, B. R. (1997). What is research collaboration?. *Research policy, 26*(1), 1-18. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0048733396009171>. Acesso em: 15/01/19

Klappenbach, H. (2000a). El título profesional de psicólogo en Argentina. Antecedentes históricos y situación actual. *Revista Latinoamericana de Psicología, 32*(3), 419-446.

Klappenbach, H. (2000b). El psicoanálisis en los debates sobre el rol del psicólogo. *Revista Universitaria de Psicoanálisis (Universidad de Buenos Aires), 2*, 191-227.

Klappenbach, H. (2004). Eduardo Krapf (1901-1963): primer presidente de la Sociedad Interamericana de Psicología. *Interamerican Journal of Psychology, 38*(2). Disponible em: <http://www.redalyc.org/pdf/284/28438223.pdf>. Acesso em: 21/07/18

Klappenbach, H. (2009). Estudio bibliométrico de la Revista de Psicología de la Universidad Nacional de La Plata: 1964-1983. *Revista de Psicología (La Plata), 10*:13-65.

Lei n. 4.119, de 27 de agosto de 1962 (1962, 10 de setembro). Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo.

- Le Coadic, Y. F. (1996). *A ciência da informação*. Briquet de lemos Livros.
- Leta, J. (2003). As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, 17(49), 271-284. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300016>
- Lhullier, C. & Massimi, M. (2007). Psicologia nas teses da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. In: Gomes, W. B. (org), *Psicologia no estado do Rio Grande do Sul* (p. 25-55). Porto Alegre, Museu Virtual da Psicologia.
- Luchese, T. A. (2014). Modos de fazer História da Educação: Pensando a operação historiográfica em temas regionais. *História da Educação*, 18, 145-161.
- Machado, M. H. (org) (1997). *Os médicos no Brasil: um retrato da realidade*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ.
- Maluf, M. R. (2012). Sociedad Interamericana de Psicología: historia, trayectoria y proyectos. *Revista de Psicología (Lima)*, 30(1):215-220.
- Massimi, M. (1993). O ensino de Psicologia no século XIX na cidade do Rio de Janeiro. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 4:64-80. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1993000100007>
- Massimi, M. (1994a). Considerações gerais sobre psicologia e história. *Temas em Psicologia*, 2(3):19-26.
- Massimi, M. (1994b). Psicologia na visão de psicólogos e psiquiatras brasileiros das primeiras décadas do século XX. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, (6), 84-99.
- Massimi, M.; Campos, R. H. F. & Brožek, J. (2008). Historiografia da Psicologia: Métodos. In: Freitas, R. H., (org). *História da psicologia: pesquisa, formação, ensino* (p. 21-48). Rio de Janeiro, Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Meadows, A. J., & De Lemos, A. A. B. (1999). *A comunicação científica*. Briquet de Lemos/livros.
- Minayo, M. C. D. S. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, *Saúde em debate*, 46p.

Monarcha, C. (2010). Escola "Pacheco e Silva" anexada ao Hospital de Juqueri (1929-1940). *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 30(1), 7-20. Recuperado em 19 de março de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2010000100002&lng=pt&tlang=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2010000100002&lng=pt&tlang=pt).

Moravcsik, M. J., & Murugesan, P. (1975). Some results on the function and quality of citations. *Social studies of science*, 5(1), 86-92. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/284557?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/284557?seq=1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 17/01/19

Mota, A. M. G. F., Castro, E. A. & Miranda, R. L. (2016). “Problemas de ajustamento” e “saúde mental”: controvérsias em torno de um objeto psicológico. In: Almeida, L. P. (org). *Políticas públicas, cultura e produções sociais* (p. 51-69). Campo Grande, UCDB.

Mota, A. M. G. F. & Miranda, R. L. (2017). Desvelando estilos de pensamento – ‘Diagnósticos’ nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica (1949 – 1968). In: Duarte, A. O. S. A.; Cassemiro, M. F. P.; Campos, R. H. F. (orgs). *Psicologia, educação e o debate ambiental: Questões históricas e contemporâneas* (p. 277-288). Belo Horizonte, CDPAH.

Nunes, M. A. S. N., Cazella, S. C., Pires, E. A. & Russo, S. L. (2013). Discussões sobre produção acadêmico-científica & produção tecnológica: mudando paradigmas. *Revista GEINTEC-Gestão, Inovação e Tecnologias*, 3(2), 205-220.

Pereira & Pereira Neto (2003). O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. *Psicologia em estudo*. Maringá, 8 (2), pp. 19-27. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a02](http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a02)

Piccinini, W. J. (2004). História da Psiquiatria. A casa da Lapinha e outras histórias, *Psychiatry on line Brasil*, 9(10).

Rago, E. J. (2000). A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX. *cadernos pagu*, (15), 199-225.

Ratinaud, P. (2009). IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]. Recuperado de: <http://www.iramuteq.org>.

Rezende, JM. (2009). Mal de engasgo e doença de Chagas: a solução de um quebra-cabeças. In: *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* (p. 307-324). São Paulo, Editora Unifesp.

Rocha, N. M. D.; Tranquilli, A. G. & Lepikson, B. B. (2004). A Faculdade de Medicina da Bahia no Século XIX: A Preocupação com Aspectos de Saúde Mental. *Gazeta Médica da Bahia*. 74(2):103-126.

Rosa, A., Huertas, J. A. & Blanco, F. (1996). Una concepción de la Historia da la Psicología. In: *Metodología para la Historia da la Psicología*. Madrid, Alianza Editorial, p.19-38

Rudá, C.; Coutinho, D. & Almeida-Filho, N. (2015). Formação em psicologia no Brasil: o período do currículo mínimo (1962-2004). *Memorandum*, 29:59-85.

Russo, J. A. (2006). O movimento psicanalítico brasileiro. In: A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira; F. T. Portugal (orgs), *História da Psicologia: rumos e percursos* (p. 413-424). Rio de Janeiro, Nau Editora.

Sá, M. R. & Silva, A. F. C. (2010). La revista médica de Hamburgo y la revista médica germano-ibero-americana: diseminación de la medicina germánica en España y América Latina (1920-1933). *Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*. LXII(1):7-34. Retirado de: <http://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/viewFile/295/291>

Schneider, E. (1949). Monografias Psicológicas, nº 4, do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, p. 61. In: Cabral, A. C. M. (1953). *Problemas da formação do psicólogo*. Boletim de Psicologia, 5/6 (18/20): 64-68.

Schwartzman, S. (2001). *Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil* (Vol. 1). Simon Schwartzman.

Sidone, O. J. G., Haddad, Amaral, E. & Mena-chalco, J. P. (2016). A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. *Transinformação*, 28(1), 15-32. <https://dx.doi.org/10.1590/2318-08892016002800002>

Spina-França (2002). Os sessenta anos de Arquivos de Neuro-psiquiatria. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 60(4): 1061-1062. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X2002000600041>

Vampré, E. (1919). *Contribuição ao Estudo do Mal de Engasgo*. São Paulo: Serviço Sanitário do Estado de São Paulo.

## 5.2 Fontes

- Bastos, F. O. & Arruda, J. (1944). Narcoanálise. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 2(4), 465-471. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1944000400009>
- Blay Neto, B. (1959). Aspectos técnicos da psicoterapia de grupo. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 17(3), 285-296. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1959000300004>
- Canelas, H. M. (1985). Centenário de Enjolras Vampré. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 43(4): 343-346. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1985000400001>
- Carvalho, T. R. (1951). Do quociente intelectual entre alunos. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 9(2), 144-146. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1951000200004>
- Carrilho, H. (1948). Psicogênese e determinação pericial da periculosidade. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 6(1), 25-45. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1948000100002>
- Doyle, I. (1946). O fator psicológico na asma brônquica. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 4(3), 239-259. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1946000300002>
- Fernandes, G. & Alves, T. J. J. (1953). Sobre um caso de crianças desajustadas nas escolas públicas do Recife. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 11(3), 247-253. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1953000300004>
- Krapf, E. E. (1947). Contribuição psicanalítica ao problema do tratamento cirúrgico da hipertensão arterial. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 5(3), 249-257. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1947000300004>
- Levy Junior, M. (1950a). Conceito de desagregação em psiquiatria. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 8(2), 171-177. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1950000200005>
- Levy Junior, M. (1950b). Contribuição para o estudo das psicoses atípicas: esquizofrenias com manifestações maníacas. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 8(1), 65-72. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1950000100006>
- Marcondes, D. (1947). Sobre a psicogênese do “mal do engasgo”. *Arquivos de Neuro-psiquiatria*, 5(2):125-134. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1947000200002>
- Novais, A. C. (1947). Aspectos práticos da psiquiatria norte-americana. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 5(2):167-180. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004282X1947000200007>
- Pires, N. (1947). Reações exopsicógenas. Reações psicógenas em terreno alterado. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 5(4):370-390. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1947000400003>
- Pires, N.; Pinho, A. R.; Alakija, G. & Nery, G. (1949). Psicoses de involução. Estudo clínico de 50 casos, com vistas ao prognóstico e terapêutica. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 7(2):179-210. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1949000200006>

- Spina-França (2002). Os sessenta anos de Arquivos de Neuro-psiquiatria. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 60(4): 1061-1062. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X2002000600041>
- Tancredi, F. & Carneiro, E. B. (1944). Mecanismo criminógeno nos estados crepusculares epilépticos. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 2(2), 154-169. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1944000200002>
- Tancredi, F. & Pimenta, A. M. (1949). Leucotomia pré-frontal em esquizofrênicos, epilépticos e psicopatas. Observações sobre 76 casos operados. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 7(2), 141-155. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1949000200003>
- Tolosa, A. & Longo, P. (1943). Apresentação. *Arquivos de Neuro-psiquiatria*, 1(1):7-8. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1943000100002>
- Uchoa, D. M. (1949). Sobre as contribuições da psicanálise para a educação e profilaxia mental. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 7(2):165-178. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1949000200005>
- Uchoa, D. M. (1950). Sobre a psicanálise das psicoses. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 8(2), 131-144. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1950000200002>
- Vampré, E. (1943). In memoriam. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 1(1):3-5. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1943000100001>
- Vizzotto, Spartaco & Melsohn, Isaías. (1959). Esquizofasia: report of two cases. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 17(2), 208-214. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1959000200008>
- Zimmermann, D. (1958). As diversas aproximações à terapêutica de grupo. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 16(1), 5-18. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1958000100002>